

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA APLICADA

**DUAS PERSONAGENS EM UMA EMÍLIA NAS  
TRADUÇÕES DE MONTEIRO LOBATO**

Gustavo Máximo

Orientadora: Profa. Dra. Maria Augusta Bastos de Mattos

IEL – UNICAMP – 2004

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

M45d

Máximo, Gustavo.

Duas personagens em uma Emília nas traduções de Monteiro Lobato / Gustavo Máximo. - Campinas, SP : [s.n.], 2004.

Orientador : Maria Augusta Bastos de Mattos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Lobato, Monteiro, 1882-1948 - Alice no país das maravilhas. 2. Lobato, Monteiro, 1882-1948 - Pollyana. 3. Literatura infanto-juvenil - Traduções de línguas estrangeiras. I. Mattos, Maria Augusta Bastos de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	
	7/Unicamp
	M45d
V	EX
TOMBO BC/	61029
PROC.	16-21-04
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	11,00
DATA	19-11-04
Nº CPD	

B6 IJ ~~320920~~ 320920

BANCA OFICIAL

Maria Augusta Bastos de Mattos

Profa. Dra. Maria Augusta Bastos de Mattos

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni

---

Profa. Dra. Enid Yatsuda Frederico

Este exemplar e a redação final da tese  
defendida por Justino Makino

e aprovada pela Comissão Julgadora em:

15/10/2004

Maria Augusta Bastos de Mattos

200420989

Dedico esta tese a Guilherme, a Leni e a  
Nélson que sempre estiveram ao meu lado  
não me deixando desanimar sem prever  
quaisquer conseqüências.

## RECONHECIMENTO

a minha Orientadora, Profa. Dra. Maria Augusta Bastos de Mattos, por ter sido uma grande amiga que sempre se demonstrou compreensiva em qualquer situação, pela efetiva orientação, pela leitura crítica, pela dedicação, mesmo em momentos difíceis que passava, e acima de tudo, pelo encorajamento em todas as etapas do trabalho.

ao grande amigo Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni a quem devo todo o meu respeito e admiração por ter me incentivado por inúmeras vezes, no sentido de sempre estar me alertando para as dificuldades da vida.

## AGRADEÇO

Guta pelo apoio moral, cultural e pela total confiança depositada em mim – Paulo Ottoni pelo incentivo e apoio pessoal e mesmo físico – à amiga Elida que com sugestões me auxiliou na pesquisa deste trabalho – a Carol que sempre esteve ao meu lado, incentivando-me e entendendo as minhas angústias e ansiedades – à minha irmã Cristina que sempre torceu por mim – ao meu irmão Flávio que várias vezes me apoiou para vir a Campinas – a Déia que sempre esteve a cuidar de meu lar quando estava a estudar – a minha avó Aurélia que sempre acreditou em mim – ao meu Tio Décio e Tia Sidnéia que sempre me auxiliaram quando precisei – ao Guilherme, meu filho que mesmo sabendo de minha difícil luta, sempre me apoiou e se preocupou comigo tendo paciência e compreensão.

## HOMENAGEM

Aos meus pais, Leni Máximo dos Santos e Nélon Máximo que sempre tiveram e apresentaram paciência comigo e conseguiram enxergar que o erro faz parte do crescimento humano. A eles o meu profundo respeito e admiração por terem convivido com essa situação lobatiana de ser que sempre me influenciou.

## RESUMO

Esta dissertação aborda, a partir de uma análise de duas traduções realizadas por Monteiro Lobato – “Alice’s Adventures in Wonderland” , de Lewis Carroll e “Pollyanna” , de Eleanor H. Porter – a contigüidade existente entre as personagens principais Alice e Pollyanna com a boneca de pano criada por Lobato, a irreverente Emília. Por esse motivo, localizamos nas traduções de Lobato uma tensão que se faz presente pela descaracterização das personagens dos originais, o que provoca questionamentos em função das falas das personagens em relação às atitudes e aos procedimentos. Dentro desta perspectiva, observamos que Monteiro Lobato traduziu as duas obras com os olhos de Emília o que descaracterizou a Alice britânica e a Pollyanna norte-americana dos originais. Para nos auxiliar na análise, trabalhamos com outras duas traduções das mesmas obras para compará-las com as de Monteiro Lobato. Para “Alice’s Adventures in Wonderland”, trabalhamos com a tradução de Ana Maria Machado e para “Pollyanna” com a de Paulo Silveira o que acabou por nos oferecer melhor embasamento para a defesa da hipótese. O resultado da pesquisa foi que realmente as traduções lobatianas dessas duas obras traziam como personagens principais uma “Emilice” , isto é, uma Alice brasileira e uma outra “Emilyanna” , ou seja, uma Pollyanna brasileira.

## SUMMARY

This essay approaches, from an analysis of two translations made by Monteiro Lobato – “Alice’s Adventures in Wonderland” by Lewis Carroll and “Pollyanna” by Eleanor H. Porter – the contiguity between the main characters Alice and Pollyanna and the rag doll character created by Lobato, the irreverent Emília. Thus, we have noticed in Lobato’s translations a tension which is made present through the deprivation of the characteristics of the original characters, a fact that instigates questioning argument related to the lines of the characters in face of their attitudes and conduct. In this perspective, we have observed that Monteiro Lobato translated both works through the eyes of Emília, which deprived the British Alice and the American Pollyanna from their original characteristics. In order to have a better support for our analysis, we have worked with two other translations of the same works, to compare with those made by Lobato. For “Alice’s Adventures in Wonderland”, we have worked with Ana Maria Machado’s translations and for “Pollyanna” with Paulo Silveira’s. That ended up offering us a better foundation for the support of our theory. The result of the research was that Lobato’s translations of both works brought as main characters an “Emilice”, that is, a Brazilian Alice and an “Emilyanna”, that is, a Brazilian Pollyanna.

## SUMÁRIO

Introdução.....	01
Capítulo I – Um pouco de Monteiro Lobato	
1.1. O Jeca com os olhos no futuro.....	06
1.2. A tradução em Lobato.....	08
1.3. A ascensão do editor e escritor.....	15
1.4. Como escrevia Monteiro Lobato.....	21
Capítulo II – Uma Emília através de Alice e Pollyanna	
2.1. O pensamento de Lobato sobre tradução.....	25
2.2. Por que “Emília no País da Gramática” ?.....	27
2.3. As marcas nas traduções de Monteiro Lobato.....	29
2.3.1. Uma tradução para Alice.....	30
2.3.1.1. Uma Alice asneirenta.....	32
2.3.1.2. Termos de época, Jargões, Diminutivos e Sufixos em Alice.....	35
2.3.2. Uma tradução para Pollyanna.....	38

2.3.2.1. Um retrato de Emília em Pollyanna.....	41
2.3.2.2. O jeito imperativo de ser Pollyanna.....	43
2.3.2.3. Termos de época, Jargões, Diminutivos e Sufixos em Pollyanna.....	46
2.4. Considerações finais do Capítulo.....	51
 Capítulo III – O Universo das traduções infantis em Monteiro Lobato	
3.1. A criação de uma literatura infantil brasileira.....	55
3.2. A Visão de Progresso e um Espírito Empreendedor.....	59
3.3. Homens, Crítica e Livros.....	62
3.4. A busca do sentido, a preocupação com a forma.....	68
 Capítulo IV – Apenas o início da cauda no País do Faz-de-Conta.....	 77
 Bibliografia Consultada.....	 83
 Anexo 01.....	 87
 Anexo 02.....	 97

## INTRODUÇÃO

Na literatura que envolve o estudo sobre tradução, nada de mais específico foi analisado sobre as obras traduzidas pelo escritor-tradutor Monteiro Lobato. Referência no cenário literário brasileiro, por conta da publicação de obras que marcaram época no país, como “Urupês” - 1918, “Cidades Mortas” – 1919 etc.<sup>1</sup> e, principalmente, por sua vasta literatura infantil – com as sempre lembradas personagens Emília, Pedrinho, Narizinho, Dona Benta e outros – e também por suas traduções, nunca, entretanto, foi alvo de um trabalho mais atento que enfocasse estas últimas. Foram mais de cem obras traduzidas, alguns clássicos como por exemplo “O Crepúsculo dos Ídolos” e “O Anti-Cristo” (versão manuscrita), de Friedrich Nietzsche, “História da Civilização” – Tomo I, II, primeira parte – do autor Will Durant ou ainda “A Evolução da Física” – de Albert Einstein e Leopoldo Infeld, além de obras infantis como “Mowgli, o Menino Lobo” – de Rudyard Kipling, “As Aventuras de Tom Sawyer” – de Mark Twain ou “Pinochio” – de C. Collodi, dentre outras <sup>2</sup>.

Monteiro Lobato traduziu inúmeros livros e por este motivo pretendemos aqui examinar, apoiados em duas obras infantis, que ele versou a nosso idioma – “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll, em 1931 e, “Pollyanna”, de Eleanor H. Porter, em 1934 – a *contigüidade* existente entre as personagens protagonistas Alice e Pollyanna, respectivamente, a Emília do Sítio do Pica-Pau

---

1. Anexo I – Obras Traduzidas por Monteiro Lobato

2. Anexo II – Obras Escritas por Monteiro Lobato

Amarelo, personagem criada por Lobato.

Assim, a finalidade será investigar, através da conduta destas personagens, assim como, das falas por ele traduzidas, a intervenção que nelas realizou, cuja “des” caracterização subverte as personagens Alice e Pollyanna em função de atitudes e pensares de Emília – a bonequinha travessa e mandona.

Deste modo, tanto Pollyanna quanto Alice, quando traduzidas por Lobato, perdem as “*maquiagens*” que lhes são próprias, atribuídas por Porter e Carroll. Há, por conseguinte, uma *intromissão* feita por Lobato, a qual faz com que as personagens tenham outro tipo de atitude e/ou carácter. Com estas mudanças, aquela que deveria ser uma tradução do original – língua de partida ( $L^1$ ) – para a produção – língua de chegada ( $L^2$ ) – assume vultos que comprometem, de forma perceptível, o fio condutor da história escrita na língua de partida. Desta maneira, podemos constatar que a tradução realizada por Lobato descaracteriza as personagens do original ( $L^1$ ), tornando-as uma Alice britânica, porém, brasileira e uma outra Pollyanna, americana que se transforma em brasileirinha. As marcas registradas nestes dois textos traduzidos denunciam a posição do tradutor como autor e conduzem a uma reflexão sobre a tradicional relação estabelecida entre tradutor e escritor.

Sendo assim, para se depreender melhor a questão, temos por intuito, num primeiro instante, fazer um rápido percurso descritivo pela vida do escritor Monteiro Lobato. Aqui mostraremos de forma sucinta, um Lobato empreendedor, com objetivos determinados e dedicação à sua vida literária, além de seu trabalho como tradutor. Também trataremos de sua ascensão no mercado editorial, que acabou sendo revolucionado por ele. Ademais, a pretensão neste momento, é a

de levar ao leitor uma noção de como Lobato agia e se dedicava aos seus empreendimentos, na tentativa até de justificar a sua visão frente a tradução, principalmente a dos livros infantis.

O segundo capítulo, talvez o mais importante para este trabalho, conduzirá o leitor a uma análise comparativa, priorizando a tradução de Monteiro Lobato das obras – “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll e, “Pollyanna”, de Eleanor H. Porter – em que verificamos, nitidamente a fala da irreverente Emília inserida nas personagens Pollyanna e Alice. A semelhança presente nas atitudes das protagonistas, assim como nos diálogos marcados pelas personagens – das traduções que Lobato realizou, reforça a tese de que estas personagens, nele, caracterizam, na verdade, a bonequinha tagarela e decidida – Emília – o que se contrapõe ao formato destas criações no texto original. A assimetria será notada quando confrontadas falas de Emília observadas no livro redigido por Lobato – “Emília no País da Gramática” – com as traduções versadas para o português.

Ainda neste capítulo, demonstraremos, através de outras duas traduções mais recentes destas duas obras, a de Ana Maria Machado, 3ª. edição, 2002 (a 1ª. edição é de 1999) e a de Paulo Silveira, 2ª. edição, 2002, (a 1ª. saiu em 2000) que, nestas, as personagens Alice e Pollyanna se aproximam mais das marcas flagradas no original.

Para o terceiro capítulo, reservamos a pretensão de nos apoiar em declarações e pensamentos daquilo que Monteiro Lobato acreditava sobre tradução e como ela deveria se apresentar para o público, em especial, o infantil. Reservaremos também um instante do trabalho para apresentarmos de maneira mais cuidadosa uma faceta da personalidade de Monteiro Lobato, a sua ousadia,

a sua pertinácia. Aqui a intenção será a de demonstrar que devido a sua personalidade forte e determinada, tinha atitudes ímpares de quem acreditava, sem esmorecer, em projetos futuros que levariam o progresso, a cultura e o dinamismo ao país. Outro ponto a ser focado, neste capítulo, será a questão da linguagem presente nas traduções de Monteiro Lobato que trazia uma escrita mais fácil, com termos e expressões do cotidiano brasileiro, que levaria ao público infantil a criação de um mundo fantástico através da imaginação.

Para o último capítulo, ao tecer as considerações finais, tentaremos demonstrar que se faz presente a “*contigüidade*” latente entre as personagens – Alice e Pollyanna de um lado e – Emilia de outro. Com isto, reforçaremos que a tradução sempre se construiu de acordo com as circunstâncias socioculturais vivenciadas pelo tradutor, no caso, Monteiro Lobato, o qual sempre confiou que traduzir uma obra significava mergulhar nela como num mar, impregnar-se do estilo do autor e lentamente ir moldando no barro de outro idioma, o texto traduzido, pois ele acreditava que todo tradutor era um escafandrista e, por isso, tinha por obrigação pesquisar e demorar o que necessário fosse para versar à própria língua a tradução. Para Lobato moldar o texto no seu idioma natal significava mais que procurar correspondências estilísticas : significava pôr à tona todas as suas preocupações com a literatura, com a literatura infantil.

## CAPÍTULO I

“O que não somos nunca é ovelha do santo padre,  
de sua majestade o rei, do partido, da convenção  
social, dos códigos da moral absoluta, do batalhão,  
de tudo que mata a personalidade das criaturas.”

(Monteiro Lobato)

### UM POUCO DE LOBATO

Nesse momento desejamos demonstrar os aspectos que consideramos relevantes para entendermos um pouco a trajetória de vida galgada pelo tradutor Monteiro Lobato. Aqui temos por objetivo apontar as suas preocupações em levar ao público brasileiro, de maneira geral, uma literatura que engrandecesse e tecesse uma cultura nacionalista. Por isso, Lobato busca um modelo ideal, tanto na produção de suas obras quanto também na tradução, modelo que poderia sintetizar em uma preocupação com a forma acessível e clara de ser ler.

Para compor estes caminhos lobatianos, estabelecemos um parâmetro que trará um pouco da história e formação de Monteiro Lobato, seus empreendimentos enquanto profissional, suas lutas pelo crescimento do país e sua dedicação literária a levar ao público infantil uma literatura que fosse de fácil acesso. Sem pretender seguir uma evolução cronológica, organizamos neste capítulo um material que nos passará uma noção do tradutor Monteiro Lobato e do homem nacionalista que sempre foi.

Passemos a partir desse instante, a um panorama de sua trajetória de vida que foi marcada por um espírito empreendedor ousado e muitas vezes, nacionalista que encontraremos não só em seu perfil idealista, como também em suas duas obras traduzidas que aqui serão analisadas por vias de um comprometimento com a forma da tradução.

### 1.1. O Jeca com olhos no futuro

A elegante bengala do pai fascinava o menino José Renato Monteiro Lobato. Porém como poderia usá-las se as iniciais eram *JMBL*? E não havia jeito de apagá-las sem estragar a beleza de um objeto tão querido. Lobato desde criança já tinha idéias avançadas e como o desejo era mais forte em utilizar a bengala do pai, resolve de forma simples e inventiva assinar José Bento Monteiro Lobato, nome que levará consigo até o fim de seus dias.

Lobato nasce nos arredores de Taubaté, numa chácara que era a residência da cidade de seu avô, o Visconde de Tremembé. Lá o menino, logo de pequeno, convivia de maneira livre com os brinquedos feitos de mamão verde, chuchus, etc. , e a biblioteca de seu avô, de onde não saía. Alfabetizado pela mãe, teve depois um professor particular e quando ganhou idade entrou para o colégio de Taubaté.

Logo demonstrou sua vocação, começando a escrever crônicas, poemas, contos e também faz desenhos para o jornalzinho colegial "O Guarani" . Ao terminar o secundário, Lobato quer desenvolver seu talento para o desenho na Escola de Belas Artes. Entretanto o avô, agora responsável pelo jovem, já que os

pais haviam falecido, impõe-lhe uma carreira a de direito. Sem opção, vai estudar em São Paulo, na faculdade do Largo São Francisco onde aos vinte e dois anos se forma. Ao retornar, o avô consegue fixá-lo em Areias, onde se casa com Purezinha. Para superar o tédio da cidade sem atrativos e parada no tempo, escreve artigos para jornais do vale do Paraíba.

O avô vem a falecer e Monteiro Lobato herda suas terras. Nesta circunstância, entrega-se à modernização de sua fazenda, mas esbarra na velha estrutura rural do país e acaba por vender a propriedade e se transferir para São Paulo. Lá se empenha na atividade cultural e editorial. Compra a famosa “Revista do Brasil” e lança em 1918 a obra “Urupês”, uma reunião de contos regionalistas que bate recorde de vendagem e marca uma polêmica em relação ao personagem que representava o “Jeca Tatu”. No ano seguinte publica o livro “Cidades Mortas” outro sucesso. Daí para frente, escreve outras obras e se dedica ao mercado editorial no sentido de divulgar o livro ao público brasileiro. Funda três editoras : a “Companhia Gráfica Editora Monteiro Lobato” (1919), a “Companhia Editora Nacional” (1925) e finalmente a “Editora Brasiliense” (1945). Além desse espírito empreendedor, defende mais outras duas idéias – a campanha pela exploração do ferro (para fabricar máquinas) e pelo petróleo (para movê-las), sendo que esta última o levou à cadeia.

Entretanto, voltemos no tempo. Logo depois de “Urupês”, publica o conto infantil “A história do peixinho que morreu afogado” e ao ampliá-lo, introduzindo cenas de sua infância, publica-o um ano mais tarde com o nome “Narizinho Arrebitado” (1921). Ao lançá-lo, alcança uma vendagem de mais de cinquenta mil exemplares e a partir daí, cria uma série de aventuras no Sítio do Pica-Pau

Amarelo, onde fica o tão sonhado Reino das Águas Claras. Desse momento em diante, Lobato, movido por alguns percalços em sua vida e já desiludido com a visão adulta, passa a se dedicar ao mundo infantil. Também faz traduções de obras infantis na esperança de levar às crianças uma cultura desconhecida que servisse para enriquecê-las culturalmente.

## 1.2. A Tradução em Lobato

Criador da Literatura Infantil no Brasil, Monteiro Lobato foi uma das figuras mais marcantes fundo a realidade sócio-econômico-cultural de seu tempo. De um dinamismo fora do comum, Lobato se sentiu sempre atraído por diferentes áreas de atividades e a todas se dedicou com afinco, entusiasmo, bravura, audácia e persistência. Não era homem de se dobrar diante de obstáculos que pudessem a vir a desanimá-lo. Com uma personalidade forte, mesclava idealismo com a paixão que sentia pelo país e a possibilidade de oferecer ao povo brasileiro oportunidades de evolução, crescimento e progresso. Em suas obras, percebia-se nitidamente um cunho revolucionário de crítica. Estas demonstravam, de forma precisa, a sua visão frente a um cosmopolitismo itinerante vigente na época, o qual funcionava ao bel prazer de uma política apenas preocupada com interesses próprios. Esta exposição das questões brasileiras, das quais Lobato sempre discordou, foi “denunciada” em livros como “Cidades Mortas”, “Urupês”, “O Choque das Raças”, “O Escândalo do Petróleo” entre outros. A partir de determinado momento de sua produção literária, Lobato começou a difundir sua preocupação com as mazelas sociais e também com o público infantil. Obras

como "O Poço do Visconde" , "Geografia de Dona Benta" revelavam o problema da extração de petróleo, que poderia ser realizada pelo Brasil e que foi tão defendida por Lobato, porém dificultada pelo governo Vargas; em outras a simples tarefa de conduzir a criança a um mundo de fantasias que estivesse próximo a ela. Em todas, porém, a preocupação em pôr à disposição do leitor aspectos da cultura brasileira e universal.

Dono de um conjunto de qualidades que evidenciavam a dinâmica e criatividade, Monteiro Lobato não só escreveu livros mas também foi responsável por traduções e adaptações de alguns títulos, assim como, por algumas revisões. Foram mais de cem livros que, versados para a nossa língua, chegaram ao conhecimento do público brasileiro. Ele defendia que a tradução deveria ser um transplante e, para tal, o tradutor necessitava compreender a fundo a obra, o autor e reescrevê-la em português como quem ouve uma história e depois a conta com suas palavras, aliás, como o faz Dona Benta ao "ler" algumas obras para os netos. No livro "Dom Quixote das Crianças", 1936, notamos a preocupação de Lobato por via de Dona Benta, em fazer chegar ao público infantil uma linguagem acessível :

E Dona Benta começou a ler:

\_\_ Num lugar de Mancha, de cujo nome não quero lembrar me, vivia, não há muito, um fidalgo, dos de lança em cabido, adarga antiga e galgo corredor.

\_\_ Che! \_\_ Exclamou Emília. \_\_ Se o livro inteiro é nessa perfeição de língua, até logo! Vou brincar de esconder com o

Quindim. Lança em cabido, adarga antiga, galgo corredor... Não entendo essas viscondadas, não...

\_\_ Pois eu entendo \_\_ disse Pedrinho. \_\_ Lança em cabido quer dizer lança pendurada em cabido; galgo corredor é cachorro magro que corre e adarga antiga é ... é....

\_\_ Engasgou! \_\_ disse Emília. \_\_ Eu confesso que não entendo nada. Lança em cabido! Pois se lança é um pedaço de pau com um chuço na ponta, pode ser lança atrás da porta, lança no canto \_\_ mas no cabido, uma ova! Cabido é de pendurar coisas, e pedaço de pau a gente encosta, não pendura. Sabem que mais, meus queridos amigos? Vou brincar de esconder com o Quindim...

\_\_ Meus filhos \_\_ disse Dona Benta \_\_ esta obra está escrita em alto estilo, rico de todas as perfeições e sutilezas de forma, razão pela qual se tornou clássica. Mas como vocês ainda não têm a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler vou contar a história com palavras minhas.

\_\_ Isso! \_\_ berrou Emília. \_\_ Com palavras suas e de Tia Nastácia e minhas também \_\_ e de Narizinho \_\_ e de Pedrinho \_\_ e de Rabicó. Os Viscondes que falem arrevesado lá entre eles. Nós que não somos viscondes nem viscondessas, queremos estilo de clara de ovo, bem transparentinho, que não dê trabalho para ser entendido. Comece.

E Dona Benta começou, da moda dela:

— Em certa aldeia da Mancha (que é um pedaço da Espanha), vivia um fidalgo, aí duns cinqüenta anos, dos que têm lança atrás da porta, adarga antiga, isto é, escudo de couro, e cachorro magro no quintal – cachorro de caça (...). (1985: 144-145)

Através desta passagem, percebemos que a intenção do escritor era a de tornar mais fácil a linguagem para que o público infantil pudesse entendê-la. Por isso, para ele, o tradutor e escritor mantinham relações próximas e por este motivo, Lobato contestava, severamente, a tradução literal, aquela que não revelasse exatamente o que o autor de L<sup>1</sup> – texto original – queria dizer na L<sup>2</sup> – texto traduzido. O escritor defendia que “aquilo que o autor queria dizer” tinha que passar necessariamente pela explicação de um termo, pela adaptação ao entendimento da criança e não simplesmente pela tradução deste termo sem que se levasse em conta o público infantil. Este pensamento é flagrado em duas passagens do livro “Cartas Escolhidas. 2º vol.”, do próprio autor, em que ele revela a preocupação com a tradução. A primeira quando responde ao amigo Diaulas Riedel, diretor da Empresa Editora “O Pensamento”, em uma carta datada em 1945, explicando por que não poderia prefaciá-lo por outrem:

Chegou hoje o dia de examinar a tradução de Maeterlinck e resolver sobre o prefácio. Folhee a tradução, li aqui e ali, e li com atenção os dois primeiros capítulos. Hélas! É tradução ao tipo de quase todas por aí, que seguem o texto literalmente e matam toda a elegância e clareza de obra. Duvido que um leitor qualquer leia e

entenda o que Maeterlinck quis dizer ao capítulo I , em português, e no entanto está traduzido fielmente. Eis o erro. A tradução de fidelidade literal, isto é, de fidelidade à forma literária em que, dentro da sua língua, o autor expressou o seu pensamento, trai e mata a obra traduzida. O bom tradutor deve dizer exatamente a mesma coisa que o autor diz, mas dentro da sua língua, dentro da sua forma literária; só assim estará realmente traduzindo o que importa : a idéia, o pensamento do autor. Quem procura traduzir a forma do autor não faz tradução – faz uma horrível coisa chamada translineação, e torna-se ininteligível.

Para demonstrar meu ponto, bati na máquina duas laudas de tradução do capítulo I, mais atento ao que Maeterlinck diz do que ao modo como, lá em sua língua e em sua maneira de escrever, ele diz. Faça a experiência. Mande algumas pessoas lerem as duas traduções, começando pela já impressa, e pergunte: “Leu? Entendeu? Que é que ele diz?” e depois mande ler a minha e faça as mesmas perguntas. Desse modo você verificará por meio dum teste o que afirmo: a tradução do teu tradutor é bastante defeituosa, justamente por ser literal.

E sendo assim, meu caro Riedel, como posso escrever um prefácio para um livro que em consciência condeno? Lembre-se que minha condição foi, “se a tradução me satisfizer”.

Adeus, caro amigo e saiba que tenho dó de você. Já fui editor e sei a tragédia que é descobrir tradutores na altura dos traduzidos – sobretudo um fino e nobre como o nosso Maeterlinck.

Do sempre seu

Lobato. (1969: 90)

Outro momento, nesta mesma obra, em que retrata a sua inquietação em relação à tradução, acontece quando escreve a Rute, sua filha que trabalhava como tradutora na Editora Nacional, numa carta datada em 1943, justificando-se por que não poderia aceitar tal tradução que foi feita por outrem:

Entre dois sanduíches sabiamente mastigados contou-me você que a tradutora em causa “foi mal recebida” na Editora. Absolutamente não posso crer nisso. Falta-lhe um braço? Está ela de perna quebrada? Tem ainda inteiros os ossos do crânio? Se é assim, então não foi ela mal recebida na editora. Porque o que a sua tradução mereceria era justamente que lhe arrancassem um braço, para que nunca mais manejasse uma pena ou batesse num teclado, e que lhe quebrassem as duas pernas para que nunca mais pudesse galgar aquelas escadas; e que lhe moessem a cabeça, para que nunca pudesse, nem sequer mentalmente, cometer o crime de massacrar obras inglesas com o feroz tacape das suas traduções.

Traduzir não é comer empadinha de camarão. Traduzir é transpor um pensamento expresso na língua do autor por meio dum

correlativo expresso na língua do tradutor. E para isso a condição básica é que o tradutor maneje a sua língua com a correção e elegância que a apresentação tipográfica diante do público exige. Mas na amostra da tradução que você me deu “para ver, o que vi foi língua do Rio Grande em lata, e de nenhum modo língua portuguesa. As palavras são portuguesas, mas enfileirar palavras portuguesas sem a ordem e a elegância gramatical não produz língua portuguesa – produzirá língua do Rio Grande, e inferior à do Leal Santos, porque não é comestível.

Faça presente a essa senhora do livro de receitas de Dona Benta. Diz Metrodoro que todas as coisas boas se relacionam ao ventre. Ela que transfaça as suas comichões literárias em mães-bentas, em bons-bocados ou fios de ovos, pois só assim fará a felicidade da sua família e não perturbará a harmonia universal! Esse é o conselho do desolado. (1969:120)

Apoiado nestas colocações de Monteiro Lobato tanto na voz de Dona Benta como também nas considerações conferidas por ele, percebemos a preocupação dele com a linguagem. Trazer uma escrita com uma linguagem voltada apenas ao público e ao seu enriquecimento.

### 1.3. A ascensão do editor e escritor

Lobato transfere-se com a família para São Paulo, para Rua Formosa. Neste mesmo momento, se já não bastassem os grandes artigos publicados no jornal “O Estado de São Paulo”, passa a ter vasta participação na Revista do Brasil, fundada em 1916 por um grupo de paulistas, como Júlio de Mesquita, Luís Pereira Barreto e Alfredo Pujol à frente. Esta revista, já considerada uma referência no cenário nacional, foi mais tarde, adquirida por Monteiro Lobato que, em maio de 1918, numa Assembléia Extraordinária acabaria arrebatando-a, por dez contos de réis. Neste mesmo ano, Lobato publica “Urupês”, que em exatos trinta dias, esgota a primeira tiragem de vendas e parte para uma segunda edição para a surpresa de todos, inclusive a de seu autor. Com a edição deste livro, Monteiro Lobato ambicionava depois de várias outras tiragens, o conto concentrado que levava o entretenimento à maneira de Maupassant ou a de Kipling, como ele sempre se referia e que encontramos no livro “Vida e Obra de Monteiro Lobato”, Tomo I de Edgar Cavalheiro:

“Contos com perspectivas. Contos que façam o leitor interromper a leitura e olhar para uma mósca invisível, com olhos grandes, parados. Contos estopins, deflagradores das coisas, das idéias, das imagens, dos desejos, de tudo quanto exista informe e sem expressão dentro do leitor. E conto que ele possa resumir e contar a um amigo – e que interesse a esse amigo.” (1962:181)

Com a edição de “Urupês”, cria-se uma polêmica em função da personagem, que representara o caboclo “Jeca Tatu”, um ser acororado, incapaz de qualquer ação, triste e desalentado. Ele aparece no último conto do livro e é intitulado também como “Urupês”. A discussão far-se-á por conta da adjetivação descrita por Lobato, que para alguns é demasiado forte e para outros, pura realidade, já que, naquele momento, flagra-se que o problema não era a personagem “Jeca Tatu” apresentar aquelas características, mas sim o que o levava a tê-las. Com isto, depois de vários debates, envolvendo grandes nomes, como Rui Barbosa, Cândido Mota Filho entre outros, cria-se um programa de saneamento básico em São Paulo, já que depois de várias incursões, chega-se à conclusão que a personagem “Jeca Tatu” só apresentava aqueles caracteres por estar doente e trazer mazelas que assolavam o país naquela época.

Depois de muito se discutir sobre a edição de “Urupês” e de “O Saci-Pererê”, Monteiro Lobato, tendo imprimido mais de mil exemplares do primeiro nas oficinas de “O Estado de São Paulo”, decide investir no mercado editorial, pois acreditava no potencial que o povo brasileiro tinha para a leitura. Para isto, necessitava saber como levar o livro à população. Teve a idéia de se dirigir ao Departamento dos Correios e constata que há mais de mil agências espalhadas pelo Brasil. Então, escreve uma carta-circular a cada agente, pedindo a indicação de firmas ou casas que pudessem receber tal mercadoria, chamada “livro”. De posse dos nomes e endereços, redigiu uma longa circular, que encontramos no livro “Vida e Obra de Monteiro Lobato”, Tomo I, de Edgar Cavalheiro, que dizia:

“Vossa Senhoria tem o seu negócio montado, e quanto mais coisas vender , maior será o lucro. Quer vender também uma coisa chamada “livro”? V.S.a não precisa inteirar do que essa coisa é. Trata-se de um artigo comercial como qualquer outro, batata, querosene ou bacalhau. E como V.S.a receberá esse artigo em consignação, não perderá coisa alguma no que propomos. Se vender os tais “livros” , terá uma comissão de 30% ; se não vendê-los, no-los devolverá pelo Correio, com o porte por nossa conta. Responda se topa ou não topa”. (1962: 194)

Quase todos toparam e Lobato passou de trinta livrarias que existiam para quase mil e tantos postos de venda. Desta forma, o comércio de livros ganha um vulto e os exemplares dos livros que não ultrapassavam os quatrocentos ou quinhentos, agora atingiam a casa dos três mil exemplares. A princípio, os volumes surgem sob a chancela da “Revista do Brasil”, já que a editora funcionava na mesma sala. Surge um rapazinho de dezenove anos para cuidar da escrita – Otales Marcondes Ferreira – que mais tarde se tornou sozinho um editor. Lobato, já imbuído pelo sucesso e pelas idéias de progresso, associado a Otales Marcondes Ferreira, funda em março de 1919, uma oficina, cuja marca registrada na Junta Comercial leva o nome de “Monteiro Lobato e Cia”. A maneira pela qual Lobato trabalhava no mercado editorial era bastante arrojada e peculiar e lhe trouxe muito dividendos. Ele apostou em uma divulgação de autores novos e não em medalhões já consagrados pela sociedade. O seu nicho de mercado reverberava os autores jovens e sem expressão alguma. Este fato espalhou-se

país afora e a editora “Monteiro Lobato e Cia” começou a receber inúmeros originais a serem editados. Lobato e Otales se viram obrigados a transformar a editora em sociedade anônima, surgindo assim “Cia. Gráfica Editora Monteiro Lobato”, tamanho era o sucesso. Em meados da década de 20, Monteiro Lobato – agora consagrado editor – e seu sócio Otales, mudam-se de endereço e redistribuem as funções dentro da Companhia. O segundo ficaria com a parte comercial, enquanto, que o primeiro, agora, ficaria com a escolha do original a ser editado. Nesta fase, Lobato sempre dizia e em uma das cartas enviadas a Rangel que editar é o que existe de mais sério para um país. Editar significa multiplicar as idéias ao infinito, e transformá-las em sementes soltas ao vento, para que germinem onde quer que caiam.

Convencido da importância do livro na construção e consolidação da cultura de um povo, Lobato também sabia o que não bastava publicar, por este motivo as funções na editora foram mais bem redistribuídas. Com esta percepção de cunho característico, em 1924, descobre Henry Ford, de quem traduz e edita a autobiografia. O nome Ford para Monteiro Lobato significava eficiência e entusiasmado com o método do grande industrial norte-americano, tenta imprimir a mesma metodologia em sua empresa, oferecendo um sistema de partilha de salários, mediante a produção dos funcionários.

Em julho de 1924, a Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, começa a ser prejudicada pela Revolução de 1924. Os operários ficaram proibidos de exercer as funções por dois meses. Os prejuízos principiaram, já que Lobato investira na compra de maquinário. Para completar a derrocada, neste mesmo ano, Lobato envia, no dia de aniversário de Artur Bernardes, então Presidente da

República, uma carta, na qual discutia o sistema eleitoral vigente. O texto se transforma em um panfleto – O voto secreto – largamente distribuído. O Presidente, à revelia manda suspender todas as compras de livros didáticos da Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato. Na época, São Paulo ainda estava sendo castigada por forte período de seca e o fornecimento de energia elétrica começara a ficar comprometido. Por estas razões e por dificuldades financeiras, Monteiro Lobato, em 24 de julho de 1925, entra com o pedido de autofalência da Companhia.

Lobato perdeu tudo e estava falido, entretanto, só restavam a ele e a Otales uma pequena lotérica, à Rua Direita. Resolveram anunciá-la para a venda e ao fazerem isto logo conseguiram fazer a negociação por cem contos. Com este dinheiro, Otales e Lobato decidiram ir ao Rio de Janeiro e fundar uma outra editora, já que o acervo da Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato não tinha se perdido. Fundaram então a Companhia Editora Nacional com Otales à frente dos negócios, nove sócios e Lobato na retaguarda, pois o seu nome não poderia aparecer no momento por conta da falência em São Paulo. O primeiro livro a ser editado na Companhia Editora Nacional foi uma tradução de Monteiro Lobato, o livro de Hans Staden – “Meu Cativo Entre os Selvagens do Brasil”. A empresa caminhava bem, a reedição dos livros infantis de Lobato começara a sair. Primeiro “Narizinho Arrebitado” , depois “O Saci” , ambos editados em 1919 e agora retomados. Desta vez , tanto Otales quanto Lobato alicerçaram bem a Companhia Editora Nacional para que não ocorresse outra falência. Porém, Lobato sempre andara insatisfeito, num misto de puro literato que era e o homem de negócios que tinha de ser, por conta até de uma instabilidade financeira, a qual o deixaria em

condições mais agradáveis para o sustento dele e da família. Monteiro Lobato se angustia com a situação, já que não lhe sobrara mais tempo hábil para a leitura e muito menos, para a escrita. Em 1925, já com a Companhia Editora Nacional e mais maduro, já com quarenta e três anos, decide empreender de uma vez por todas na renovação da literatura infantil no Brasil. Examinando os livros existentes em português, apavora-se com as traduções e toma a decisão de refazê-las, abasileirando-as em nossa linguagem. Obras como “D.Quixote” , “Viagens de Gulliver” , “Robinson” e os contos de Andersen, Grimm ou Perrault e tantas outras circulavam país afora e, com a mais grave falha, segundo Lobato, com a linguagem de difícil entendimento para as crianças brasileiras. Sua idéia é mágica, mas com a política implantada ainda pelo governo Artur Bernardes, a Companhia Editora Nacional inicia um processo contínuo de insucessos, pois o que editavam não estava sendo o suficiente para saldar as dívidas do novo empreendimento. Desta maneira, mais uma vez, Lobato se afasta do literato e contra a vontade vira comerciante novamente. Em 1926, em um artigo publicado no “Diário de São Paulo” – O nosso dualismo –, Lobato afirma que o movimento modernista não passava de uma brincadeira de crianças inteligentes, a qual desempenharia uma função muito séria em nossas letras, forçando-nos a uma atenta revisão de valores e abandono de duas coisas a que se andam aferrados: o espírito da literatura francesa e a língua portuguesa de Portugal. Esta declaração juntamente com a edição do folhetim “O choque das raças” – a saga que enfoca a possibilidade de um candidato negro vencer as eleições norte-americanas em 2228 – causam imensa polêmica em torno do nome de Monteiro Lobato. Nesta época, já cansado da política social-econômica do antigo governo, passa a apoiar,

de forma sutil, a investidura de Washington Luís à Presidência. As eleições acontecem e este último se elege. Como primeira providência, Alarico Silveira, amigo de Monteiro Lobato é indicado à Casa Civil do novo Governo e propõe ao então senhor Presidente da República o nome de Lobato para ser adido do Brasil em Nova York.

#### 1.4. Como Escrevia Monteiro Lobato

Lobato tinha com o público em geral, principalmente o infantil, um respeito notável, por isso se preocupava com a escrita de forma às vezes a cultivá-la horas, dias e meses antes de publicar. Reescrevia o texto quantas vezes fossem necessárias, pois tinha um carinho com tudo que redigia e, em alguns momentos, enviava verdadeiras recomendações aos tipógrafos antes da edição de uma obra, como por exemplo em duas passagens, enviadas a Bruno Di Tolla, chefe das oficinas da empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais” :

“Bruno:

não posso compreender por que motivo em vez de apenas se corrigirem estas provas, refazendo linhas, o linotipista compõe quase tudo de novo perpetrando inúmeros erros novos. Desse modo a revisão não acaba nunca. Compare as emendas do ultimo artigo, sobre Guiomar Novais. Há nas provas limpas 22 linhas com erros novos que não aparecem nas provas sujas. Marquei essas linhas

com um traço vermelho a direita. Em outros artigos, a mesma coisa.

Que mistério é esse, amigo Bruno?

Lobato.”

Entretanto, o linotipista reincidia e daí novos recados de Lobato a Bruno para explicar-lhe que não queria que modificassem o seu texto. Vejamos:

“Meu caro Bruno:

É favor avisar aos linotipistas que o autor deste livro sou eu, e não eles, nem o Capanema, nem aqueles cretinos da Academia de Letras, e mais os m.... que fazem reformas ortográficas e se c.... em cima de quase todas as palavras as b.... que eles chamam “acentos” e só os cretinos iguais a eles aceitam.

O resultado dessa política acentista dos senhores compositores é a demora no trabalho, imposta pela retirada de todos os acentos, que não figuram nos originais e que eles, de medo do governo vão botando.

Isso redundará em prejuízo para a oficina e redobro de trabalho para mim. Porque eu não transijo, e por mais “à” com acento agudo, antigo, clássico e certo, e por mais “ê” e “ê” que apareçam nas provas, eu não adiro e corto os acentos por mais trabalho que isso me dê.

Peço pois ao amigo Bruno que fale com esses homens e convença-os de que o autor do livro sou eu: e ou o livro sai com a

minha ortografia ou não sai. Hei de morrer sem concordar com os imbecilíssimos reformadores ortográficos que fazem de cada palavra um pinico.

Lobato”

Por esses recados, percebemos que Monteiro Lobato era meticuloso em tudo que escrevia principalmente quando se tratava de uma publicação futura. Esta preocupação se fazia presente também nos trabalhos de tradução em que as fazia com a maior atenção de se fazer entender e levar ao leitor a realidade da obra transpassada a nossa língua.

A literatura infantil brasileira até o momento, talvez tivesse negado a dimensão que a imaginação poderia levar a criança. Lobato, porém, ao se dirigir ao público infantil visava à construção de um texto de caráter não realista. Ele enxergava que a criança deveria chegar ao mundo dos adultos de uma maneira gradativa e racional. Em uma carta dirigida a Godofredo Rangel, Lobato fala de seu projeto de escrever um livro onde as crianças quisessem morar, experimentando o mesmo sentimento vivido por ele em sua infância, na leitura de Robinson Crusoe. Para ele, uma obra infantil deveria ter o caráter de transportar a criança para um universo interno ao texto e não demonstrar a realidade adulta que sempre buscava a transmissão de preceitos morais.

Uma escrita dirigida à criança, para Lobato, deveria firmar-se não no compromisso com a descrição da realidade, mas sim na sua crítica através da construção da fantasia. Neste momento, entendemos que o escritor visava à criação de um universo diferenciado do real, em que a sua lógica advinha

intrinsecamente do momento em que a criança penetrasse no mundo ficcional da história. Monteiro Lobato ao escrever, apóia-se nos elementos presentes nos contos de fadas e no folclore, entretanto, as personagens por ele criadas eram diferenciadas. Havia príncipes, fadas, etc, mas estes assumiam uma identidade às avessas : um visconde feito de sabugo de milho, um príncipe que vivia no fundo do mar e um dia por descuido de Tia Nastácia foi frito na frigideira. Enfim, Lobato assume uma característica ímpar em que a criança ao ler suas obras, transferir-se-ia à obra e ficaria a imaginar como as personagens agiam. Como conseqüência, ao traduzir as obras infantis, Lobato continuava a aproximar a realidade dos originais às bases nacionalistas, criando novos personagens, adaptando-os e enquadrando-os à realidade do público infantil.

## CAPÍTULO II

### UMA EMÍLIA ATRAVÉS DE ALICE E POLLYANNA

“Que maravilha não será o Robinson para a  
formação do caráter dum menino inglês,  
que cedo vai para as Índias, a Austrália,  
construir uma vida de que Robinson é espelho!  
(Monteiro Lobato)

#### 2.1. O Pensamento de Lobato sobre Tradução

Os primeiros cobres ganhos por Monteiro Lobato, em atividades intelectuais foram provenientes de traduções, feitas em 1909. Residia em Areias, era promotor público, e devido ao marasmo que lá existia, resolveu preencher o seu tempo com a versão de artigos do “Weekly Times” para a nossa língua e depois os enviava para o jornal “Estado”. Pelas traduções lhe pagavam dez mil réis por matéria e ele sempre achava aquilo esquisito, tanto que em uma das cartas escritas a Rangel, datada de 01/07/1909, que encontramos n “A Barca de Gleyre”, Tomo I, do próprio autor , ele dizia:

Acho estranho isto de ganhar um dinheiro qualquer com o que nos sai da cabeça. Vender pensamentos próprios ou alheios. Mas não tolero escrever por obrigação. Traduzo quando quero. Faço

coisas para a Tribuna quando quero. Do contrário, sentir-me-ia escravo no eito. (1944: 160)

Creemos que esta concepção perpassou a vida tradutória de Monteiro Lobato. De fato, nada que não lhe chamasse a atenção era versado por ele a nossa língua. Tinha um cuidado especial com as traduções infantis, pois acreditava que elas deveriam transmitir uma grande história em que o seu público alvo devesse entender, entrar na história e gostar dela. Sempre dizia que um povo que não possuía tradutores, tornava-se um povo fechado, pobre, indigente. A tradução para Lobato consistia em anular-se de maneira mais absoluta, mais pura e sincera possível. O tradutor deveria subordinar sua mentalidade à do autor e penetrar na obra a fim de decifrar aquilo que parecia, num primeiro momento, indecifrável. Ao retornar ao Brasil, em 1931, depois de ser adido comercial do país nos Estados Unidos, Lobato passa a traduzir severamente e em alguns momentos de sua vida, a tradução passou a ser o seu único meio de sustento. Ao transformar-se em tradutor profissional, nem sempre lhe cabia a escolha daquilo a ser traduzido. Versou a nossa língua autores de segunda e terceira linhagem, mas isso, pouco importava para ele, pois via o ofício com o mais belo encanto <sup>1</sup>. A tradução, muitas vezes, servia como consolo em vários momentos difíceis de sua trajetória. Numa carta escrita a Rangel que se encontra n' "A Barca de Gleyre", Tomo II, Lobato dizia que a tradução, quando as coisas corriam mal, era a sua pinga. Por isso, traduzia como o bêbedo bebe: para esquecer, para atordoar, pois

---

1. Nosso intuito aqui não é afirmar que Monteiro Lobato fazia ou não as traduções, tampouco se eram ou não verdadeiras o fato de traduzir autores de segunda e terceira linhagem.

enquanto traduzia, não pensava na sabotagem do petróleo. (cf.p.498).

Apoiado nesta fala, Lobato se revoltava quando duvidavam de sua capacidade de traduzir em poucos dias uma obra. Aos críticos que questionavam a sua produção tradutória apenas dizia que a receita era fácil, bastava levantar-se com o leiteiro, sentar-se à máquina e traduzir até a hora do almoço.

Apresentadas estas considerações de Lobato, tomaremos como objeto de análise duas obras que traduziu. Basear-nos-emos em uma tradução-adaptação – “Alice no País das Maravilhas” , de Lewis Carroll – e, em uma tradução – “Pollyanna”, de Eleanor H. Porter –, para confrontarmos com as falas, posicionamentos e atitudes da personagem Emília na obra – “Emília no País da Gramática”. Faremos isto, querendo mostrar que, nessas traduções, há uma descaracterização das personagens protagonistas dos originais, Alice e Pollyanna em função de Emília. Também cremos que Lobato ao traduzir, lê com os olhos de Emília e a vê nos lugares das personagens dos textos originais. Através desta comparação teremos por intuito demonstrar que o compromisso de Monteiro Lobato não era só um projeto de tradutor, mas sim uma preocupação cultural.

## 2.2. Por que “Emília no País da Gramática” ?

Poderíamos aqui, partir de outros dois livros, que também trazem como foco principal à bonequinha – “Memórias da Emília” e “Aritmética da Emília”. Entretanto, optamos por “Emília no País da Gramática” por ser tratar de uma obra metalingüística e que revela uma personagem que descobre um mundo lingüístico que desconhecia e que participa ativamente do texto. Assim, os outros dois títulos

foram excluídos por se tratarem de histórias em que Emília, embora foco principal, não toma por si a narrativa. Dizemos isto porque em “Memórias da Emília”, o Visconde é quem redige a obra a partir de um contar da boneca; já em “Aritmética da Emília”, novamente, o sabugo de milho, Visconde é quem narra a história, tendo Emília como protagonista.

No livro “Emília no País da Gramática”, Lobato aponta questionamentos acerca daquilo que se utilizava na escola para ensinar as crianças e conseqüentemente, na própria Língua Portuguesa. Lobato mergulha em um mundo mágico da gramática e atribui vida a um rinoceronte – Quindim – que depois de comer, supostamente, uma gramática, deixada pelo Visconde perto do pomar, transformou-se em gramático. Assim, Emília, sentada no lombo de Quindim, em companhia de Narizinho, Pedrinho e o Visconde, é quem comanda o animal. Em contrapartida, Lobato desenha um fantástico cenário em que Quindim vai explicando à Emília e aos outros a origem das palavras, dos verbos, dos pronomes e etc. A cada explicação, uma pergunta de Emília, uma interpelação, um questionamento. Aqui, percebemos claramente o emprego de interjeições, trejeitos da língua, utilizados por ela e que acabam por denunciar a proximidade da fala de Emília com as falas de “Alice” e “Pollyanna”, quando da tradução de Monteiro Lobato.

A semelhança das falas e dos procedimentos das protagonistas – Pollyanna e Alice – nas traduções de Lobato, reforça a tese de que estas personagens, nele, remetem, na verdade, à bonequinha tagarela e decidida – Emília no texto original. Ocorre que em algumas passagens das traduções, confrontando-as com as falas de Emília, observadas no livro – “Emília no País da

Gramática” – , Lobato costura a escrita, aqui no caso, *tradutória* da mesma maneira que a emprega em sua obra. Tanto na tradução de “Alice no País das Maravilhas” quanto em “Pollyanna” , assim como em seu livro, Monteiro Lobato faz o emprego de interjeições e marcas lingüísticas, inversão de termos nas construções de orações, utiliza vocábulos regionais, emprega excessivamente superlativos e diminutivos, o que retrata a sua inquietação acerca das traduções realizadas, o seu interesse de levar ao público, em geral, uma obra que pudesse ser entendida e que acrescentasse o conhecimento de outras culturas.

### 2.3. As Marcas nas Traduções de Monteiro Lobato

Já afirmamos que Monteiro Lobato tanto em suas obras, aqui no caso infantis, como também em suas traduções de literatura infantil, sempre procurou priorizar elementos de uma cultura nacional, que visavam a criar um ambiente brasileiro. Com isto, não é de se estranhar a contigüidade que detectamos nas personagens Emilia – Alice e Emília – Pollyanna. A seguir, examinamos alguns excertos em que notamos a subversão de Lobato nas atitudes e nas falas de “Alice” e “Pollyanna” quando traduzidas para nossa língua. Faremos aqui uma comparação, enfocando a obra original, as traduções e a presença da personagem Emilia no livro “Emília no País da Gramática”. No entanto, baseamos numa abordagem mais precisa em relação à tradução de “Pollyanna”, de Eleanor H. Porter, em que não encontramos a presença de adaptação. Já em “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll, Lobato além da tradução, também realiza a adaptação, inserindo elementos da cultura nacional, o que cria

um ambiente brasileiro, com uma *Alice brasileira*, que recita poemas clássicos de nossa literatura como “Minha terra tem Palmeiras onde canta o sabiá...”, e não os trocadilhos que aparecem no original. A análise decorrerá da verificação da mudança de personalidade existente em Pollyanna e Alice lobatianas, em que o tradutor, através de sua versão, modifica as características mantidas no original, tanto de Carroll quanto de Porter. Para esta comprovação nos valeremos de elementos da língua encontrados nas traduções de Lobato os quais revelarão o afastamento de postura e atitudes da Pollyanna norte-americana e da Alice britânica a favor de uma Emília nacionalista, arguta, afetiva, mandona, afrontosa, indagadora e acima de tudo lobatiana.

### 2.3.1. Uma tradução para Alice

O primeiro trecho que selecionamos está no original de Carroll, “Alice’s Adventures in Wonderland”, capítulo I e ocorre logo no início. Alice e a irmã, sem nada para fazer, foram passear no jardim. Lá, a irmã passou a ler um livro e Alice que estava a seu lado, começou a olhá-lo e logo falou:

“... but it had no pictures or conversations in it, ‘ and what is the use of a book ’, thought Alice, ‘ without pictures or conversations?” (1994:11)

“\_\_Pra que serve um livro sem figura nem conversa?” (2002:13)

“\_\_ Que coisa sem graça, livro sem figuras nem diálogos..” (2002:07)

Os dois trechos que seguem à fala do original são as traduções do mesmo fragmento, conferidas por Ana Maria Machado e Lobato respectivamente. Ao analisarmos o original e as traduções, notamos que tanto Lobato quanto Ana Maria Machado se propõem a apresentar a tradução de formas bem definidas, isto é, cada tradutor respeitando devidamente a época. O nosso exame denuncia-nos que a Alice de Carroll é mais gentil, pacienciosa, é mais inocente. No entanto, ao verificarmos as duas traduções, notamos que a Alice que mais se aproxima da de Carroll é a da tradutora Ana Maria Machado, que sem “destempero” perguntava para que servia um livro sem figuras e sem conversa. Em contrapartida, ao confrontarmos a Alice de Lobato e a de Ana Maria Machado, concluímos que a do primeiro traz uma Alice mais pensativa, loquaz, indagadora, o que a assemelha ao temperamento da boneca Emília. Observamos que na tradução de Lobato, Alice já que meio sem paciência, não pergunta, mas denuncia, num gesto típico da Emília, ou seja, a falta de ter o que fazer anuncia a sua impaciência e ela logo diz : “Que coisa sem graça, livro sem figuras nem diálogos...” (p.07); notamos essa mesma exasperação em falas, presentes no livro “Emília no País da Gramática”, como em:

“\_\_ *Existem, sim. O rinoceronte, que é um sabidão, contou-me que existe.*”

“\_\_ *Pois diga logo que são letras!*” (1994;pp.7-8)

Observamos que a forma empregada por Monteiro Lobato, tanto em sua produção infantil, quanto em sua tradução revela a contigüidade, existente entre Alice e Emília. Logo, há o reforço de que Lobato ao traduzir, no intuito de tornar a história mais acessível ao leitor brasileiro, descaracterizava o personagem principal do original, influenciando assim, a trajetória da personagem.

#### 2.3.1.1. Uma Alice Asneirenta

Em outros momentos, o tradutor Lobato emprega interjeições e regionalismos que evidenciam ainda mais a personalidade e os trejeitos, revelados através da língua, da personagem Emília. Conseqüentemente, marcas nas personagens ocorrem, evidenciando mais uma vez diferenças nas traduções. Analisemos uma outra passagem do original de Lewis Carroll , “Alice’s Adventures in Wonderland”, capítulo II:

“Alice’s Right Foot, Esq.

Hearthrug,

Near the Fender,

(with Alice’s love)

Oh, dear, what nonsense I’m talking!

Just then her head struck against the roof of the hall: in fact she was now more than nine feet high, and she at once took up the little golden key and hurried off to the garden door.” (1994:22)

“Ao Excelentíssimo Senhor Pé Direito de Alice

Tapete da Sala

Junto à grade da lareira,

(com todo o carinho de Alice) “

\_\_ Ai, meu Deus! Quanta bobagem que eu estou falando!

\_\_ Você devia ter vergonha! \_\_ dizia para si mesma. \_\_ Uma menina tão grande (e era mesmo), chorando dessa maneira...Pare imediatamente! Eu estou mandando!” (2002:23)

“Ilmos. Exmos. Srs.

Pé Direito e Pé Esquerdo,

Respeitáveis extremidades do corpo de Alice.

(Com muitas saudades da mesma)

\_\_Arre! Como estou *asneirenta* hoje!

*Que vergonha!*

Tamanha moça a chorar que nem criança de peito! Pare com isso, pois você sabe que chorar nunca adiantou coisa nenhuma.”  
(2002:14)

Verificamos que nas duas traduções de Ana Maria Machado e de Lobato respectivamente, as diferenças ocorrem de forma clara. Entretanto, as soluções apresentadas pelos tradutores são bem díspares. Ana Maria Machado mais preocupada com a forma oferece à tradução uma proximidade ao texto L<sup>1</sup>, enquanto Monteiro Lobato, visando ao público, encontra uma possibilidade voltada

ao meio, empregando interjeições, típicas de Emília e termos de época, outro caracter, bastante empregado pela boneca. Observemos a diferença já na primeira linha. Ana Maria traduz a fala de Alice como: "... Ai, meu Deus! Quanta bobagem que eu estou falando!" (p.23) e Lobato já emprega um "Arre! Como estou asneirenta!" (p.14). Essa fala traduzida por Lobato referente a Alice denuncia, novamente, a presença e a contigüidade entre Emília e Alice. Notamos isso, quando confrontamos com o trecho proferido por Emília no livro narrado por ela "Emília no País da Gramática".

"\_\_ Parece o Garibaldi – *asneirou* a boneca. – Escangalhado, mais glorioso." (1994:26)

"\_\_ É exatamente o cascão gramatical – *asneirou* Emília, que vinha entrando com o Visconde." (1994:07)

"\_\_ Assim seja, Serência! \_\_ disse Emília. \_\_ Porque se Vossa Serência cai na *asneira* de morrer, como iremos nós nos arranjar lá no mundo? Ninguém mais poderá ser coisa nenhuma..." (1994:29)

"\_\_ *Chil...* São tantas que já estão me enjoando. Chega de Casa de Fios. Vamos ver outra coisa." (1994:32)

"\_\_ *Irra!* \_\_ Uma, duas, três, quatro.... vinte e nove letras tem este formidável advérbio..." (1994:46)

As soluções encontradas por Lobato aproximam Alice e Emília, deixando clara a relação de contigüidade entre elas. A utilização das interjeições “*Chi*”, “*Irra*”, e da expressão “*asneirenta*”, evidencia que, ao traduzir, Monteiro Lobato realiza uma Alice puramente brasileira, sem os requintes britânicos.

#### 2.3.1.2. Termos de época, Jargões, Diminutivos e Sufixos em Alice

O tradutor Monteiro Lobato, preocupado em versar a nossa língua um texto que pudesse ser entendido pelo público infantil, ainda em suas traduções infantis, apóia-se ao emprego de diminutivos, jargões, termos de época e sufixos que estão presentes na L<sup>2</sup>. Investigaremos esses dois excertos, primeiramente apoiados no original de Carroll, presente no capítulo II:

“There is such a nice little dog near our house I should like to show you! A little bright-eyed terrier, you know, with oh, such long curly brown hair! And it'll fetch things when you throw them, and it'll sit up and beg for its dinner, and all sorts of things – I can't remember half of them – and it belongs to a farmer, you know, and he says it's so useful, it's worth a hundred pounds! He says it kills all the rats and – oh dear!” (1994:30)

“\_\_Tem um cachorro tão bonitinho, perto lá de casa! Eu ia gostar de lhe mostrar. É um terrier pequeno, de olhinhos brilhantes, com o pêlo

castanho comprido e lindo, todo encaracolado. E quando a gente joga coisas, ele corre para buscar, uma graça. Sabe montes de coisas, eu nem lembro de tudo: senta, pede comida... É de um fazendeiro, que garante que o cachorro é tão útil que vale umas cem libras. Diz que ele mata todos os ratos e..." (2002: pp.28-29)

"\_\_Perto de casa há um *cachorrinho tão bonitinho* que tenho vontade que o senhor conheça. É um fox-terrier, de olhos muito vivos, pêlo comprido e sedoso, cheio de anéis. Sabe buscar muito bem os objetos que a gente atira. Fica de *pezinho* no canto e mais coisa faz. Uma *galanteza!* Pertence a um *chacareiro* que vive a gabá-lo, e a dizer que não o dá nem por um conto de réis, um tão bom caçador de rat..." (1994:18)

No caso da primeira tradução, na de Ana Maria Machado percebemos que a tradutora mantém a mesma linha norteadora de seu trabalho. A personagem principal – Alice – continua aquela criança preza ainda em traços culturais, não pertinentes a nós. Observamos que a Alice de Ana Maria, de forma mais sóbria, diz que perto de sua casa havia um cachorro bonitinho que era uma graça. Ele buscava tudo que atiravam-no, sabia pedir comida, sentar e era de um fazendeiro que garantia que o cão valia umas cem libras. Em oposição à tradução de Ana Maria Machado, a seguir verificamos a de Lobato. Ao traduzir, o escritor utilizou termos diferenciados da tradutora. Para Monteiro Lobato, perto da casa Alice tinha um cachorrinho tão bonitinho que buscava os objetos que se atiravam, ficava de

pezinho no canto e fazia mais coisas. Também, pertence ele a um chacareiro e não há um fazendeiro. O cachorrinho é uma galanteza! E o dono não o dá nem por um conto de réis. Frente às duas situações de traduções, notamos que, apesar de serem os mesmos trechos, o tratamento atribuído às traduções foram diferenciados. Ana Maria Machado, nitidamente, aproxima Alice ao original, isto é, uma menina socialmente estabilizada e educada. Em Lobato, pelo contrário, Alice é a garotinha brasileira que não se conforma em apenas ter um cachorro, mas sim, ter um cachorrinho bonitinho; não bastava somente, pelos atributos, ter um cachorro, entretanto, deveria ter galanteza. Para o tradutor Lobato, ainda que o cachorro não fosse de Alice, tratava-o como se o fosse, o que revelava, de novo, um carácter de Emília, quando em algumas passagens, notamos o sentimento de emotividade presente nela. Observemos alguns trechos em “Emília no País da Gramática”, onde observamos a presença de diminutivos e que retratam esta emotividade presente em Emília:

“\_\_ Nesse caso . – Em vez de xingá-lo de Anômalo, podiam ter posto um *letreirinho* no pescoço do verbo: “Ele é Poer; se está Pôr é porque o E apodreceu e caiu.” Mas vamos sair do anexo e ver o acampamento da Segunda Conjugação.” (1994: 25)

“\_\_ Quer dizer que são os barbantes, as *cordinhas* da língua.”  
(1994:31)

“\_\_Bravos! São umas *cordinhas preciosas* estas. A gente não pode dizer nada sem usá-las, sobretudo as *menorzinhas*, como a, até, com, de, sem, por...” (1994:31)

Em comparação com as falas de Emília, as traduções, tanto de Ana Maria Machado, quanto de Lobato se marcam pelas diferenças. Evidenciamos a utilização, por parte de Monteiro Lobato de diminutivos que demonstram emotividade. Observamos que Emília, nos excertos, elogia as cordinhas que são as preposições, sobretudo as *menorezinhas* e as toma com cuidado e carinho. O mesmo, ao refutarmos, notaremos que a Alice lobatiana é tão cuidadosa como também mais atenciosa. Mais um motivo para constatarmos, então, que a Alice de Lobato é tão parecida com a Emília, pois através destes traços evidenciamos estes pontos em comum que reafirmam a cada momento o objeto de tese que aqui temos a pretensão de provar.

### 2.3.2. Uma Tradução para Pollyanna

Ao analisarmos outros excertos das traduções e ao compararmos, mais uma vez, verificamos a tendência lobatiana de aproximar Alice e Pollyanna a Emília. Monteiro Lobato também traduziu Pollyanna. Nesta também apresenta passagens que marcam a diferença entre as traduções. Baseemo-nos na de Paulo Silveira que tenta manter o posicionamento inicial da norte-americana Pollyanna. Este tradutor versa para a L<sup>2</sup> os nomes próprios. No lugar de Pollyanna, mantido por Lobato, utiliza Poliana, no de Tia Polly, Paulina. Entretanto, percebemos que

Paulo Silveira tem o compromisso de não distanciar a tradução da obra original, algo que não enxergamos em Monteiro Lobato. Pelo contrário, novamente, Lobato se apóia em uma versão que se preocupa propriamente com o entendimento do público infantil. Com isso, há a contigüidade de Pollyanna de Lobato com a Emília, pois as atitudes e falas de Pollyanna se assemelham às da bonequinha, distanciando assim, da Pollyanna de Eleanor H. Porter. Vejamos alguns trechos do capítulo IV:

“(...) Oh, Aunt Polly, I don't know how to be glad enough that you let me come to live with you, she was sobbing. You don't know how perfectly lovely it is to have you and Nancy and all this after you've had just the Ladies' Aid!(...)” (1994:22)

“\_\_Oh!, tia Paulina! A senhora nem pode imaginar como estou contente. Minha alegria é enorme. Contar com a senhora e Nancy, e tudo o mais, depois de tudo que passei...” (2002:19)

“\_\_Oh, tia Polly, tia Polly, não sei dizer a minha alegria de a senhora ter querido que eu viesse morar aqui, borbotou a menina soluçando. A senhora não sabe que *contenteza* a minha em ter a senhora e Nancy e tudo isto por aqui, depois do que tenho passado!” (2001:22)

Verificamos, como já havíamos dito, que as traduções conferidas ao texto de Eleanor H. Porter têm consideradas diferenças. Enquanto Paulo Silveira, no primeiro trecho traduzido, tenta manter a performance de Pollyanna, demonstrada no original, a qual é a de extrema simpatia e amabilidade, Lobato já nos mostra uma Pollyanna mais espontânea e interjetiva. É evidente a opção de Lobato em privilegiar uma tradução preocupada com o leitor infantil. Com isso, ele descontextualiza, em algum momento, a personagem Pollyanna, que no original se mostra educada e fina, pois tinha estudado nas “Auxiliadoras Femininas”. Monteiro Lobato ao empregar “(...) A senhora não sabe que *contenteza* a minha em ter a senhora...” , ao utilizar o termo “contenteza” acaba por aproximar a fala de Pollyanna à de Emília. Podemos notar essa identidade em outros excertos de “Emília no País da Gramática”, em que percebemos a mesma espontaneidade:

“\_\_*Esperteza*. Eu muitas vezes arrisco opiniões que dão certo.Tia Nastácia diz que quem não arrisca não petisca...” (1994:40)

“Vá avisar a todas. Já !” ; “\_\_ E pronto! *Prontérrimo!* Quero ver agora a cara da tal ortografia etimológica.” (1994: 64)

Lobato emprega termos que se marcam pela presença de sufixos os quais denunciam as falas de Emília. A ocorrência se faz quando percebemos que “contenteza” e “esperteza” ou ainda quando ele utiliza um termo que apresenta um sufixo de superlativo que demonstra o estado de espírito da personagem,

como: “\_\_ E pronto! Prontíssimo! ...” . Através disto, conseguimos flagrar que as marcas da fala de Emília estão presentes na de Pollyanna de Lobato.

### 2.3.2.1. Um retrato de Emília em uma Pollyanna

Em outros trechos do livro de Eleanor H. Porter, quando das traduções executadas, percebemos algumas diferenças de atitude, de fala e mesmo de posicionamento da personagem Pollyanna de Lobato e a de Silveira. A de Monteiro Lobato, em determinados instantes, é questionadora e duvida da ação de sua tia. Já a de Silveira é mais polida, culta, não duvida da ação da tia e é mais complacente com as atitudes dela. Podemos notar esta postura em uma passagem do original que encontramos no capítulo X:

“(...) Oh, aunt Polly, aunt Polly, did you mean it, really? Why, that room’s got everything – the carpet and curtains and three pictures, besides the one outdoors, too, cause the windows look the same way. Oh, aunt Polly! (...)” (1994: 66)

“\_\_Então, é verdade, tia Paulina? Já conheço o quarto de baixo, tem tudo: tapetes, cortinas e três lindos quadros, além do meu, que eu via da janela de cima e que é ainda mais bonito visto de baixo. Que bom, tia, Paulina!” (2002:59)

“\_\_Oh, tia Polly, tia Polly! É verdade, então? Esse quarto de baixo tem tudo, tudo? – cortinas, três lindos quadros e tem ainda aquele meu, da janela de cima que é o mesmo! Oh, tia Polly!”  
(2001:65)

O tom de questionamento de Pollyanna em Lobato, segundo trecho traduzido, evidencia-se frente à de Silveira. Neste último, primeiro trecho traduzido, a personagem é mais meiga, surpreende-se com a decisão da tia em trocá-la de quarto, de forma comedida. Já a Pollyanna de Monteiro Lobato, ao saber que mudaria de quarto, não acredita, corre em direção à tia e a interpela de maneira desafiadora “...É verdade, então? Esse quarto de baixo tem tudo, tudo?”. Deste modo, vemos a Emília no papel de Pollyanna, a questionadora, contestadora. Essa mesma postura flagramos em “Emília no País da Gramática”, quando ela, no acampamento da segunda conjugação, irrita-se com os verbos que estavam a marchar e em tom desafiador os questiona:

“\_\_Estou vendo ! Tiveram , já não têm mais nada, os bobos.  
Bem feito! Quem manda...” (1994:26)

“\_\_Quem manda perderem o que tinham ? Agora agüentem...”  
(1994:27)

Fica claro que o tom contestador e irreverente de Emília, quando se refere aos verbos. Logo na primeira fala, percebemos a postura iminente da boneca

frente aos verbos de segunda conjugação “...Bem feito! Quem manda...” ; para completar ela, de forma audaciosa, pergunta em tom de pouco caso “...Quem manda perderem o que tinham?” . Desta forma, novamente, notamos que o jeito de Emília aproxima-a ao de Pollyanna na tradução.

### 2.3.2.2. O Jeito Imperativo de ser Pollyanna

Um outro caracter que reforça a tese de nosso trabalho e que foi descoberto é o fato de Emília ser imperativa e mandona. Estas mesmas características foram notadas tanto na Alice quanto na Pollyanna lobatianas. Fundamentemo-nos esta questão na obra de Eleanor H. Porter – Pollyanna. No decorrer das traduções , notamos acentuadas diferenças entre as versões. A Pollyanna de Silveira nos pareceu mais sóbria, mais centrada em seus afazeres, muito pouco interessada em conflitar opiniões. No entanto, a Pollyanna lobatiana é irreverente e o seu poder de persuasão é mais forte que Pollyanna de Porter ou de Paulo Silveira. Analisaremos a seguir excertos que podem enfatizar estes caracteres. Focalizamos um trecho do original de Porter que está no capítulo VI:

“Oh, of course I’d be breathing all the time I was doing those things, aunt Polly, but I wouldn’t be living. You breathe all the time you’re asleep, but you aren’t living. I mean living – doing the things you want to do: playing outdoors, reading (to myself, of course) , climbing hills, talking to Mr. Tom in the garden, and Nancy, and finding out about the houses and the people and everything

everywhere all through the perfectly lovely streets I came through yesterday. That's what I call living. Aunt Polly. Just breathing isn't living!" (1994: 40)

“\_\_É diferente, tia Paulina. Quero dizer: respirar e viver. Quando a gente dorme, respira mas não vive. Viver é fazer o que nos agrada, como brincar no jardim, ler para mim mesma, subir ao alto da colina, falar com Tomás e Nancy, ouvir novidades de casas e vizinhos e das ruas por onde passei. Respirar somente não é viver.” (2002:34)

“\_\_*Oh, estou respirando o tempo todo, mas fazer isso não é estar vivendo, tia Polly. A senhora respira todo o tempo que está dormindo e quem dorme não vive. Quero dizer vivendo, isto é, fazendo coisas de que a gente gosta, como brincar lá fora, ler para mim mesma, subir o morro, conversar com o senhor Tom e Nancy no jardim, e saber tudo a respeito das casas e das pessoas que moram nas lindas ruas por onde passei. Isso é o que eu chamo viver, tia Polly. Respirar só, não é viver.*” (2001: 40)

A primeira observação a respeito das traduções tanto de Paulo Silveira quanto a de Lobato é de que ambas apresentam diferenças marcantes as quais definem a personagem Pollyanna, sendo a norte-americana ou a que mantém relação de contigüidade com Emília. Observamos que, em Silveira, Pollyanna é

mais “politicamente correta”, ela não se impõe ao explicar à tia que não havia restado tempo para se brincar , porém só se tinha tempo para o dever. A de Paulo Silveira ainda argumenta que respirar e viver não eram a mesma coisa, por isso, quando se estava dormindo não se vivia. À revelia disto, encontramos a Pollyanna lobatiana. Ela já começa a sua argumentação de maneira incisiva, dizendo que estar respirando o tempo todo não significava estar vivendo. Ela continua falando que viver para ela era subir o morro, conversar com Tom ou Nancy no jardim e saber tudo a respeito das casas e das pessoas que ali moram nas lindas casas. Assim, notamos que esta última utiliza fatos que convencem mais a tia que a primeira. Esta característica acentua ainda mais o fato de o tradutor Monteiro Lobato ter apenas se preocupado com o público infantil o que aproximou a protagonista do mesmo perfil de Emília. A seguir alguns trechos que revelam esta semelhança – Pollyanna e Emília – retirados da obra “Emília no País da Gramática” :

*“\_\_Com que então a senhora está de briga com a ortografia simplificada e não admite que estas pobres palavras se vistam pelo figurino moderno?” (1994:62)*

*“\_\_Tudo isso está muito bem. Mas a senhora sabe que existe uma contínua mudança nas coisas. As palavras, como tudo mais, também têm de mudar. Quindim já me explicou isso.” (1994:62)*

*“\_\_Pois é a sua opinião de modo nenhum me interessa. Eu já a conheço. Quero agora conhecer a opinião das palavras, está ouvindo? Se elas pensarem como a senhora, nesse caso já não está aqui quem falou. Mas se pensarem como eu, ah, então a senhora tem de ver fogo com o meu Quindim.” (1994:62)*

Nas três passagens, percebemos que Emília se coloca à dona Etimologia de forma imperativa. Sua “quase” discussão é enfatizada pelos argumentos apresentados. Ela se embasa nas mudanças que a língua pode sofrer ao longo dos anos. Sua colocação demonstra o temperamento forte e incisivo que possui. Suas opiniões dificilmente são debatidas, pois quando pensa algo não há alguém para retirá-la. Em função disto, verificamos que nas traduções, a Pollyanna de Silveira se assemelha aos moldes culturais norte-americanos. A par disso, vemos a de Lobato que com seu jeito imperativo de se colocar retrata à tia o seu pensamento. Este posicionamento permite-nos atestar a influência de Emília em Pollyanna.

#### 2.3.2.3. Termos de época, Jargões, Diminutivos e Sufixos em Pollyanna

Assim como em “Alice no País das Maravilhas”, Monteiro Lobato ao versar para a nossa língua o original de Eleanor H. Porter, utilizou, embora já em 1934, as mesmas marcas que evidenciam a presença de Emília em Pollyanna. Termos que evidenciam uma época nacionalista, exagero de diminutivos, jargões e sufixos foram colocações sobressalentes na tradução de “Pollyanna”. Avaliemos algumas

passagens do original, capítulos XV e XVI, que a seguir foram traduzidas respectivamente por Paulo Silveira e Monteiro Lobato, as quais denunciam estas marcas:

“I’ve had a perfectly beautiful ride with the doctor, announced Pollyanna, bounding up the steps. He’s lovely, Nancy (...)” (1994: 97)

“Oh, did you come up here? Pollyanna greeted her at the door of Miss Polly’s own room. That’ll be nicer yet! I’ve got the comb. Now sit down, please, right here. Oh, I’m so glad you let me do it!” (1994:101)

“Oh, my! What pretty hair you’ve got, prattled Pollyanna; and there’s so much more of it than Mrs. Snow has, too! But, of course, you need more, anyhow, because you’re well and can go to places where folks can see it. My! I reckon folk’ll be glad when they do see it – and surprised, too, cause you’ve hid it so long. Why, aunt Polly, I’ll make you so pretty everybody’ll just love to look at you!” (1994:102)

“\_\_Foi uma bela viagem. Ele é muito amável, Nancy!” (2002:90)

“\_\_Ainda bem que a senhora veio – disse a menina – aqui está o pente. Sente-se, por favor. Que bom! Vai deixar que eu a penteie!” (2002:93)

“\_\_Seus cabelos são lindos! E natural que tenha mais cabelos que a senhora Snow. A senhora precisa ir a festas e fazer visitas e muita gente pode vê-la. Meu Deus! Como são compridos e sedosos! Todos vão ficar admirados! A senhora vai ver , titia, vou fazê-la tão bonita que todo mundo vai se admirar só de olhar para a senhora.” (2002: 94)

“\_\_Fiz uma *linda corrida de carro* com o doutor, disse Pollyanna entrando. *É amabilíssimo*, Nancy!” (2001:95)

“\_\_Oh, a senhora veio? Exclamou o *diabrete*, da porta do quarto. *Fez muito bem! Nem esperei!* Aqui está o pente. Sente-se aqui, faça o favor. Oh, estou tão contente de a senhora deixar-me penteá-la!” (2001: 98)

“\_\_Oh, *que lindos a senhora os tem!* E muito mais que Mrs. Snow, o que é natural, porque a senhora precisa mais de cabelos do que ela visto que vai a visitas e festas onde muita gente a pode ver. *Minhalma!* Vão todos ficar surpresos de ver tanto cabelo e tão

comprido. Deixe, tia Polly, vou tornar a senhora tão bonita que *toda a gente há de regalar-se só de a olhar.*” (2001:99)

Ao analisarmos os excertos, conseguimos perceber que Monteiro Lobato emprega o superlativo para dizer algo sobre o doutor que levou Pollyanna embora da casa de Mr. Pendleton. Para este tradutor, o doutor é *amabilíssimo*, o que revela a proximidade com Emília que também se vale de vários superlativos em suas falas. Outro ponto marcante que assegura a contigüidade entre Pollyanna e Emília está na utilização de termos da época. Enquanto Paulo Silveira traduz que bela a viagem foi, proferida por Pollyanna, quando esta chega em casa de Miss Polly e vai contar a Nancy, Lobato já se apropria da expressão “... uma linda corrida de carro...”, marcando assim, mais uma vez a fala. Outros trechos que revelam a utilização de termos de época por Lobato, o que difere da tradução de Silveira e conseqüentemente do original, ocorre quando a tia de Pollyanna, Miss Polly, é flagrada pela sobrinha com os cabelos soltos. A menina lobatiana faz festas e se surpreende com os cachinhos negros da tia. Por isso, pede acirradamente para penteá-la, corre ao quarto e fica esperando a tia. Lobato emprega dois termos nesta passagem que denunciam o ambiente brasileiro criado por ele para a tradução de “Pollyanna”. O termo “diabrete” e “Minhalma” traduzem o emprego de termos de uma época em que Lobato preocupava-se em ser nacionalista e isto tende a marcar a personagem, algo que não notamos em Paulo Silveira. Este respeitando o requinte da personagem, que mora na casa da tia por não mais ter ninguém na vida, não atribui a sua Pollyanna, este ar peralta e travesso, presente em Pollyanna de Lobato a qual se aproxima de Emília.

Vejamos num tom mais comparativo estas mesmas marcas na personagem Emília em seu livro.

“\_\_ Não se assuste, Dona Eulália! \_\_Este paquiderme é *mansíssimo*, e até se chama Quindim, nome *dum doce muito delicado*. Medo de Quindim? Que bobagem? É a melhor criatura do mundo. Uma perfeita moça. Quer ver?” (1994:41)

“\_\_ Não ! Isso não está direito e vou soltar este *elegantíssimo* vício, já e já...” (1994:51)

“\_\_ Você, *sua diaba*, viveu muito tempo a complicar a vida das crianças sem que nada lhe acontecesse.” (1994:64)

“\_\_ Pois o tal tu, o que deve fazer é ir arrumando *a trouxa e pondo se ao fresco*. Nós lá no sítio conversamos o dia inteiro e nunca temos ocasião de empregar um só tu, salvo na palavra tatu. Pra nós o tu já está *velho coroca*.” (1994:22)

“\_\_ Que *barulhada!* \_\_Será algum viveiro de papagaios?”

“\_\_ Que *baitaquinhas!* \_\_Já estou tonta.”

“\_\_ Sim senhor! São muito *galantinhas*, mas deixam uma pessoa atordoada.” (1994:33)

Ao compararmos as falas, tanto de Pollyanna lobatiana, a Poliana de Paulo Silveira e a Emília do Sítio, percebemos que ao traduzir, Monteiro Lobato utiliza as mesmas marcas que estão presentes na fala desta última em seu livro “Emília no País da Gramática”. A utilização do superlativo também está na fala da bonequinha quando ela diz que o paquiderme é mansíssimo e elegantíssimo que em comparação com a fala de Pollyanna lobatiana flagramos este mesmo emprego. São empregadas por ele expressões da época , assim como na obra “Emília no País da Gramática”. Termos como “baitaquinhas” , “trouxa” , “galantinhas “, “velho coroca” e “sua diaba” denunciam a marca que também é vista na tradução, quando Pollyanna é chamada de “diabrete” por estar feliz com a hipótese de pentear a tia ou na exclamação que faz à tia “Minhalma”. Verificamos então que Emília e Pollyanna, embora de origens diferentes, apresentam grande traços de contigüidade.

#### 2.4. Considerações Finais do Capítulo

Na versão original de *Alice's Adventures in Wonderland*, de Lewis Carroll, encontramos vários traços característicos que revelam o cotidiano da Inglaterra de séculos passados. Em sua tradução, Monteiro Lobato transforma e adapta esses traços, de tal forma que se calem à realidade e à rotina da sociedade brasileira de sua época. Trata-se de uma escolha legítima, porém perigosa, de aproximar a tradução de seu público infantil. Por isso, a confusão em se distinguir a Alice de Carroll no decorrer da tradução lobatiana. Pela análise que fizemos, notamos claramente que a tradutora Ana Maria Machado criou uma Alice que se aproximou

mais da menina britânica que tem uma cultura marcada em princípios mais condizentes com uma Inglaterra de reis e rainhas. Verificamos que a Alice de Ana Maria Machado era mais contida em suas colocações, mais reservada, muito pouco tentava persuadir de sua vontade. Em oposição a isto, encontramos uma Alice lobatiana arraigada em princípios puramente brasileiros. Além do mais, temos que evidenciar que esta Alice, além de ambientalizada em solo nacional, trazia “uma pitada” de pó de pirlimpimpim. Esta “emilice”, corriamos, Alice de Lobato traduzia muito mais a Emília do Sítio do Pica Pau Amarelo, com toda a irreverência, questionamentos e reflexões que propriamente a Alice de Lewis Carroll, a delicadeza em pessoa.

Da mesma maneira, a versão original de *Pollyanna*, de Eleanor H. Porter, trazia uma perspectiva marcada em princípios culturais norte-americanos. Sozinha no mundo, pois os pais e irmão haviam falecido, é trazida a Tia Polly Harrington, uma tradicional senhora da aristocracia norte-americana de séculos passados. Nesta tradução, Monteiro Lobato da mesma forma tenta reambientar Pollyanna em cenário nacional. Novamente, a personagem protagonista se atém a posicionamentos que não condizem com a versão original. Em contrapartida, já numa tradução mais atualizada, temos o tradutor Paulo Silveira que, preocupado em acentuar os moldes culturais da época em que se passa a história, tenta caracterizar a personagem Pollyanna como típica menina norte-americana. Educação rígida e fina se enxerga em sua tradução em relação a Pollyanna. Questionamentos? Os mais ponderados possíveis. Enfim, Pollyanna de Silveira marca a versão aproximada do original. Entretanto, não temos a pretensão de esquecermos de Pollyanna, só que esta, a lobatiana. Esta é apimentada,

questionadora, mandona, imperativa e acima de tudo, Emília. Parece-nos estranho, porém, a pura realidade. Mais uma vez o tradutor Monteiro Lobato ao tentar aproximar a tradução de seu público-alvo, o infantil, descaracteriza a protagonista. Ele atribui a ela um gênio forte e aguerrido que podemos notar ao verificarmos as interjeições, termos de época e jargões empregados por ela. Enfim, a tradução de Lobato trouxe um "Emilyanna", novamente corrijamos, uma Pollyanna puramente lobatiana que se traduzia na Emília do Sítio do Pica Pau Amarelo.

## CAPÍTULO III

“Tudo é loucura ou sonho no começo do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira – mas já tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum.”

(Monteiro Lobato)

### O UNIVERSO DAS TRADUÇÕES INFANTIS EM MONTEIRO LOBATO

#### 3.1. A Criação de uma Literatura Infantil Brasileira

Monteiro Lobato sempre apresentou planos de criar uma literatura infantil que fosse brasileira. Já cansado das obras infantis que no país existiam as quais eram puramente rebuscadas de um temperamento conservador, seja na escrita ou mesmo no teor da história, Lobato ambiciona a criação de livros meramente para o público infantil brasileiro. Esse desejo é revelado em uma correspondência enviada a Rangel em 08/09/1916 que está n “A Barca de Gleyre” Tomo I do próprio Lobato em que o seu projeto parece estar adotando o formato desejado:

“Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha conta.

Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta(...). É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos...” ( 1944: pp. 325-326)

Pela carta percebemos que a intenção de Lobato era criar uma literatura que servisse como iniciação a seus filhos. A presença da mulher a contar as histórias às crianças e acima de tudo, o desejo de adotar uma linguagem própria em que as histórias apresentassem características daqui com elementos de nosso cotidiano. Ele tem o intuito de deixar de lado a moralidade encontrada em fábulas já existentes e oferecer à criança um mundo de fantasia em que ela pudesse viver e aos poucos aprendendo as regras da vida. Com este ímpeto, em 1921, numa carta emitida a Rangel que se encontra n’ “A Barca de Gleyre” , Tomo I, datada de 17/06/21, Lobato revela a sua crítica frente às traduções infantis que andavam pelo país. Sobretudo as de Carlos Jansen :

"Pretendemos lançar uma serie de livros para crianças, como Gulliver, Robinson, etc., os clássicos, e vamos nos guiar por umas edições de velho Laemmert, organizadas por Jansen Muller. Quero a mesma coisa, porém com mais leveza e graça de língua. Creio até que se pode agarrar o Jansem como "burro" e reescrever aquilo em língua desliteraturalizada – porque a desgraça da maior parte dos livros é sempre o excesso de "literatura". Comecei a fazer isso, mas não tenho tempo; fiquei no primeiro capítulo, que te mando como amostra. Quer pegar a empreitada? A verba para cada um não passa de 300\$, mas os livros são curtinhos e o teu tempo aí absolutamente não é "money". Coisa que se faz ao correr da pena. É só ir eliminando todas as complicações estilísticas do "burro". Se não tens por aí essas edições do Laemmert, mandarei." (1944: pp.419-420)

Monteiro Lobato neste momento já colocando em prática o seu desejo, começa a fazer um trabalho árduo, sobretudo com os textos infantis a serem traduzidos, já que aqueles que aqui existiam traziam uma escrita formal e compromissada com os moldes morais. Neste mesmo ano, edita "A Menina do Nariz Arrebitado" que se torna grande sucesso de publicação que alcança mais de cinquenta mil exemplares editados em pouco tempo. Na verdade, Lobato queria criar uma escrita oralizada, uma linguagem oral que estivesse preocupada em levar ao público infantil a compreensão de maneira mais fácil e fantástica. Foi este desejo que passou a ser mais intenso em Lobato, tanto que em 07/05/1926,

ele escreve a Rangel, carta que se encontra n' "A Barca de Gleyre" sobre as idéias futuras:

"(...) Detesto os verdes eternos, o calor quasi eterno, a tal primavera eterna, que não passa da mais eterna e desesperante monotonia. Verde, verde, o ano inteiro! Tudo verde, como o Menino Verde, um álbum colorido com que me diverti em criança, companheiro do João Felpudo. Lembras-te disto? Pobres crianças daquele tempo! Nada tinham para ler.

Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoe do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no Robinson e n' Os Filhos do Capitão Grant." (1944: 467)

Dessa forma, podemos notar que, ao expor seus planos, Lobato procura incansavelmente levar à criança uma literatura escrita por um adulto, lida por um público infantil, mas tratada com uma linguagem de criança, um mundo mágico para ela. Adota então, uma linguagem flexível que possibilite à criança alcançar a própria maturidade de maneira gradativa e crítica, de forma a se tornar um ser questionador e pensante que pudesse futuramente discutir os problemas brasileiros porque teria embasamento para tal, advindo da experiência da leitura.

Os problemas brasileiros são de fato matéria da literatura de Lobato como são também sua grande preocupação em toda sua vida. Como ilustração, vejamos nos dois capítulos seguintes, as lutas travadas por ele, nas campanhas pró-ferro e pró-petróleo que culminaram na sua prisão decretada pelo governo Vargas. Notemos como mesmo nos Estados Unidos, quando assumiu o papel de adido brasileiro, não deixou de se preocupar com o seu país. Percebemos essa mesma preocupação com o país nas suas traduções: mesmo nas falas da americanazinha Pollyanna e da britânica Alice, Lobato não deixa de fazer lembrar da nacionalista Emília.

### 3.2. A Visão de Progresso e um Espírito Empreendedor

Em 1927, Lobato, agora mais arguto e já com uma visão empreendedora, publica em “O Jornal”, em forma de folhetim, “Mister Slang e o Brasil”. O texto trazia duras críticas às forças armadas brasileiras – exército, marinha e aeronáutica. Dizia que não havia aparato legal, condições de combate para as forças brasileiras, o que havia, na verdade, era meia dúzia de calhambeques antiquados, e que tudo só existia para justificar a extorsão de impostos. Esta publicação causa impacto, pois nunca se criticara de maneira severa e direta qualquer atitude do governo. Assim, Lobato é chamado pelo Presidente que o convida para ocupar um cargo fora do país, o de adido comercial no Consulado do Brasil nos Estados Unidos em Nova York, já que Lobato começara a provocar conturbações à União. O escritor aceita, porque já desiludido da política nacional, não enxerga evolução em uma política viciada imposta pelo governo. Deixa a

Companhia Editora Nacional a Otales que passa a ser o administrador e no mesmo ano embarca com a família para Nova York. Antes de ir, Lobato ainda arranja tempo para rever as provas da tradução da “História de uma Viagem à Terra do Brasil” , de Jean de Léry, que julga de grande utilidade ao povo brasileiro. Como homem que vislumbra o futuro e preocupado com o Brasil, publica a adaptação das aventuras de Hans Staden, grande contribuição às crianças, as quais julgava que poderiam modificar os rumos do país. Ao deixar o país, ainda arruma tempo para concluir as traduções de “Minha Vida e Minha Obra” e “Hoje a Alemanha” de Henry Ford, autor com espírito dinâmico e progressista que Monteiro Lobato admirava.

Ao chegar a Nova York é abordado pelo agente geral da Ford, que trazia ordens de Mr. Ford para recebê-lo e facilitar-lhe tudo. Lobato, já com vistas ao futuro e com o espírito aguçado, vai num primeiro instante conhecer em Detroit, a indústria da Ford e da General Motors. Fica maravilhado com o processo de fundição do aço, com a tecnologia, com as estradas que dão acesso fácil aos lugares e com o progresso que o cala. Ele escreve, interminavelmente, ao Brasil, contando o que vira e sugerindo o mesmo procedimento no país. Descobre o petróleo, fonte natural de energia e que na visão de Lobato mantinha grande elo com o progresso. Ficava imaginando o que este progresso poderia proporcionar ao povo brasileiro que passava por dificuldades.

Lobato retorna ao Brasil com novas idéias e tenta provar, ardorosamente aos capitalistas do país, que o grande negócio estava na siderurgia, a qual poderia trazer a estabilidade e o respeito. Na visão dele, o país poderia crescer e melhorar a vida das pessoas. Mais uma vez Lobato enxergava longe, assim como

fez com a campanha pela leitura no Brasil, o que facilitaria na sua concepção, a compreensão por parte da população brasileira dos problemas do país; travara outras batalhas, ora pró-ferro ora pró- petróleo, entretanto, sempre preocupado com o progresso do Brasil o que conseqüentemente proporcionaria melhor nível de vida às pessoas.

Em 1934, escreve uma carta a Rangel contando de sua luta para levar o progresso ao país. O texto que esta n' "A Barca de Gleyre" do próprio Monteiro Lobato demonstra o seu dinamismo, que mesmo com este objetivo continuava com a sua produção intelectual fazendo traduções e produzindo livros ao leitor brasileiro. Vejamos um trecho:

Ando com preguiça de atacar a tradução do Will Durant. Comecei o capítulo sobre Spinoza e parei. Mas é estupendo! Não mexas nesse capítulo. É meu! De repente, pego que nem sapo e não largo mais.

Tenho empregado as manhãs a traduzir, e num galope. Imagine só a batelada de janeiro até hoje: Grimm, Andersen, Perrault, Contos de Conan Doyle, O Homem Invisível de Wells, Pollyanna Menina e Pollyanna Moça, O Livro da Jungle. E ainda fiz a Emília no País da Gramática. Tudo isto sem faltar ao meu trabalho diário na Cia. Petróleos do Brasil, com amiudadas visitas ao poço de Araquá. Positivamente não sei explicar como produzi tanto sem atrapalhar o meu trem normal de vida.

Gosto imenso de traduzir certos autores. É uma viagem por um estilo. E traduzir Kipling, então? Que esporte! Que alpinismo! Que delícia remodelar uma obra d' arte em outra língua! (1944: pp. 492-493)

Na carta, Monteiro Lobato expressa o seu desejo pela produção intelectual que não só o conforta, mas também o fortalece. Mesmo com estas atividades pela manhã, ele arranja tempo para continuar a sua luta pró-petróleo. Isto demonstra a importância e o quão sério Monteiro Lobato encarava os desafios que apareciam a ele com ímpeto e coragem, tanto que num determinado momento, custou-lhe o dissabor de ficar trancafiado numa prisão por lutar aguerridamente por suas idéias de progresso.

### 3.3. Homens, Crítica e Livros

Como vimos anteriormente, Lobato sempre manteve o seu desejo de homem empreendedor. Acreditava que poderia levar uma nova vida à nação. Desta vez, embrenhava-se numa nova luta, a do petróleo. Ele cria a "Companhia Petróleo do Brasil" e para alavancá-la, faz um apelo público para que a população entrasse como sócia dos poços a serem perfurados. A idéia se fortifica e Monteiro Lobato, Manuel de Oliveira Filho e L. A. Pereira de Queiroz e outros associados formaram um pelotão que desbancaria o fortim erguido por altos interesses estrangeiros. A briga de Lobato com o governo se principiou o que mais tarde culminou em sua prisão.

Esta foi provocada porque, convicto de suas teses, em tom de provocação, envia uma carta desabusada ao Ministro da Agricultura, na qual insiste numa sindicância no caso da exploração de petróleo em solo brasileiro. No texto, Lobato acusa os diretores do Serviço de falsearem resultados geológicos e geofísicos com o intuito de desanimar a pesquisa em solo brasileiro por empresas nacionais. O pedido de Monteiro Lobato é transmitido ao Senhor Presidente da República Getúlio Vargas. Entretanto, como a demora se faz, Monteiro Lobato resolve divulgar à nação o caso e, para isto, utiliza a introdução do livro de Essad Bey que culmina num escândalo envolvendo o governo e as empresas estrangeiras que tinham interesses na exploração de petróleo em solo brasileiro. Em meio a toda problemática o envolvendo, ainda encontra tempo para escrever, pois acreditava que o público não podia ficar atônito aos fatos, ao mundo por questões políticas. Publica, então, "Viagem ao Céu" e "América"; traduz os "Contos" de Andersen e edita "Na Antevéspera" e as "Novas Reinações de Narizinho". Escreve ainda "História do Mundo para Crianças", "As Caçadas de Pedrinho" e traduz "Mowgli, o Menino Lobo", de Kipling, "Os Negreiros da Jamaica", de Mayne Reid, "Caninos Brancos", de Jack London, "Pinocchio", de Collodi, e para finalizar aquele ano, "Alice no País do Espelho", de Lewis Carroll. Com isso, notamos que a produção intelectual de Lobato continuava com total força, assim como também a sua luta pelo petróleo. Percorria o país fazendo conferências para divulgar o problema do petróleo. Em 1934, o ano mais importante para a Companhia Petróleo Nacional, as produções de Monteiro Lobato surpreendem. Escreve "Emília no País da Gramática" e traduz "Pollyanna", de Eleanor H. Porter, "O Lobo do Mar", de Jack London, "As Aventuras de Huck", de Mark

Twain, "Pollyanna, Moça" , de Eleanor H. Porter, "O Doutor Negro" , de Conan Doyle, "Jacala, o Crocodilo" , de Kipling, "Novos Contos" , de Andersen, "A Filha da Neve" , de Jack London, "O Homem Invisível" , de Wells, "Party" , de Jean Webster , "Novos Contos" , de Grimm, "O Querido Inimigo" , de Jean Webster e os "Contos de Fadas" , de Perrault.

No ano seguinte, publica a edição dos "Contos Leves" e "Contos Pesados", e escreve "Geografia de Dona Benta" , "História das Invenções" , "Memórias da Emília" e ainda prepara a edição do livro "O Escândalo do Petróleo" , sem contar as traduções. Em 1936, o livro "O Escândalo do Petróleo" chega ao povo e Lobato torna públicos os problemas que afetavam a questão do petróleo no Brasil e seus bastidores. O texto provoca revolta na população e o governo começa a ser cobrado já que, até então, apenas os interessados e as agências comerciais sabiam da questão. A imprensa passa a dar maior importância e o nome de Lobato, veiculado no escândalo, através do próprio livro, e o caso se torna, mais do que nunca, presente em qualquer discussão.

Lobato se arrasta por mais três anos, nesta luta interminável pró-petróleo. Em 1939, escreve "O Minotauro" e "O Picapau Amarelo" e faz inúmeras traduções. No final deste mesmo ano, está exausto, resta-lhe apenas "a pinga das traduções" e os livros infantis, os quais lamenta por não tê-los escrito mais. O escritor Monteiro Lobato, apesar de desanimado, em nova carta a Vargas denuncia e acusa a Companhia Nacional do Petróleo de agir a favor de interesses do governo, perpetuando nossa situação de colônia americana dos trustes internacionais. Nos mesmos termos, escreve ao general Góis Monteiro, chefe do

Estado - Maior do Exército. A carta escrita por Lobato está em “Vida e Obra de Monteiro Lobato”, Tomo II e fazia as seguintes observações:

“O Petróleo! Nunca o problema teve tanta importância; e se, com a maior energia e urgência, o Senhor não toma a si a solução do caso, arrepender-se-á amargamente um dia, e deixará de assinalar a sua passagem pelo Governo com a realização da Grande Coisa. Eu vivi demais esse assunto. No livro “O Escândalo do Petróleo” denunciei à Nação o crime que se cometia contra ela – e com a maior dor de coração vejo hoje que o oficialismo persiste nesse crime, e agora armado dum arma que não existia antes: o monstruoso tanque chamado “Conselho Nacional do Petróleo. Dr. Getúlio, pelo amor de Deus, ponha de lado a sua displicência e ouça a voz de Jeremias. Medite por si mesmo no que está se passando. Tenho a certeza de que se assim o fizer, tudo mudará e o pobre Brasil não será crucificado mais uma vez.” (1962: 49)

Por tudo que Lobato denunciara, o governo tentou de várias maneiras dissuadi-lo. Ofereceram a ele a criação de um Ministério de Propaganda e, a seguir, foi convidado a participar de uma entrevista com o Presidente da República Getúlio Vargas a ser concedida em Campinas. Aos convites, prontamente, recusou-os não de maneira afrontosa, mas sim por convicção em suas idéias as quais ele defendia-as. Entretanto, no final do ano de 1940, Monteiro Lobato concede a Rádio BBC, um artigo-entrevista em que, numa alusão

à ditadura Vargas , faz uma retrospectiva do regime republicano no país, caracterizado pela progressiva restrição das liberdades civis e da garantia de direitos. Em virtude dos últimos acontecimentos, Monteiro Lobato no início do ano seguinte, é preso pela Delegacia Especializada de Ordem Política e Social e permanece incomunicável por quatro dias, na Casa de Detenção – Presídio Tiradentes. Este espírito aguerrido de Lobato e que enxergamos em suas obras custou-lhe a prisão. Lá fica por três meses, embora tenha sido condenado por seis. Em uma carta escrita a Rangel, datada em 17/09/41, que se encontra n' "A Barca de Gleyre" confessa que depois que se viu condenado a seis meses de prisão, e posto numa cadeia de assassinos e ladrões só porque teimou demais em dar petróleo a sua própria terra, tinha morrido um bom pedaço de sua alma. (cf.pp.498-499).

Mesmo preso, Lobato nesta mesma carta, datada em 17/09/41, encontra forças e começa a traduzir para passar o tempo. Numa tradução de Kim por outro tradutor, Monteiro Lobato faz alguns comentários de uma expressão versada de maneira equivocada:

(...) Na primeira tradução de Kim também encontrei uma boa perola agripinesca. No original está : "We who go down to the burning-ghats eluch at the hands of those coming up from the River of Live, etc." E na tradução vem : "Nós que vamos descendo para o campo do carnicheiro, etc." Essa tradução de burning-ghats, ou fogueiras onde na Índia queimam os mortos, por "campo do carnicheiro", deixou-me profundamente intrigado. Eu estava na prisão,

cumprindo sentença e matava o tempo com a nova tradução do Kim. Pus os olhos nas grades e fiquei a matutar naquele quebra-cabeças. De que modo fogueira de cremar defunto pode virar “campo de carnicheiro”? Por fim descobri. Na tradução francesa do Kim deve estar bucher, fogueira, palavra que muito se aproxima de boucher, carnicheiro. O tradutor, que evidentemente traduzia do francês para o inglês, confundiu as duas palavras e pôs “carniceiro” em vez de fogueira. Mas achando esquisito aquela “procissão rumo ao carnicheiro ...”, inventou o “campo” e botou “campo do carnicheiro...” O Agripino coleciona destas “perolas”, e se recorresse a mim eu lhe forneceria colares maravilhosos. Tenho uma coleção que vale ouro. (...)(1944: 499)

Com esta carta, notamos que Monteiro Lobato sempre estava preocupado com a forma como as pessoas iriam enxergar os fatos que posteriormente seriam passados para o mundo de cada qual. As lutas travadas pró-ferro e pró-petróleo serviram para demonstrar a perspicácia e a determinação com que Lobato defendia suas idéias. Esses momentos certamente não eram rompantes de alguém que sentia preterido por qualquer motivo, mas sim de um homem que acreditava que um país como o Brasil poderia proporcionar a sua população condições melhores de vida. Na realidade, tentamos aqui, por conta destes dois momentos marcantes na vida de Monteiro Lobato que mesmo diante dessas questões arranja tempo para se dedicar a sua produção intelectual e demonstrar um mundo fantástico que poderia ser construído através da leitura. Ele entendia

que só desta maneira uma criança poderia se transformar em adulto e saber opinar sobre os problemas do país. Lobato sempre acreditou que por conta de sua literatura o povo poderia se modificar e reivindicar os seus direitos, por isso se preocupava e muito com aquilo que chegaria ao leitor e principalmente o infantil.

#### 3.4. A busca do sentido , a preocupação com a forma

No livro “A Barca de Gleyre”, Tomo II de Monteiro Lobato, o autor escreve para Rangel dizendo sobre a difícil tarefa de traduzir. Nesta carta datada em 06/06/34, ele a coloca da seguinte maneira:

“Ando a fiscalizar as traduções para o Otales e bom dinheiro perde ele com essa fiscalização! Mas, faça-se-lhe justiça: perde-o com prazer. Prefere perder dinheiro a enfiar no público uma tradução que eu condene. Que outro editor faz isso? Já perdeu assim mais de vinte contos este ano. E o público enguliria do mesmo modo todas as infâmias condenadas, porque o público é o maior boeiro do mundo. Eu às vezes até me revolto de dar tratos à bola em certos trechos de difícil tradução, ao lembrar-me do que é a media do público. Mas sou visceralmente honesto na minha literatura. Duvide quem quiser dessa honestidade. Eu não duvido. Nem você.” (1944:492)

Ao lermos a declaração de Monteiro Lobato sobre a tradução e acima de tudo acerca do fato de ser visceralmente honesto em sua literatura só nos resta

dizer que a preocupação maior de Lobato-tradutor estava em proporcionar um mundo mágico aos leitores infantis. A artimanha estava em oferecer a seu público uma visualização daquilo que, apesar de não estar próximo, tornava-se acessível à realidade e ao contexto do leitor.

Confrontemos esta colocação de Lobato com aquilo que pensa Roland Barthes sobre a escrita. Para este autor, escrever implicava calar-se, de certo modo, fazer-se silencioso 'como um morto', tornar-se o homem a quem se recusa a última réplica. Para Barthes escrever é oferecer, desde o primeiro momento, essa última réplica ao outro. Ainda em seu prefácio do livro "Crítica e Verdade", Barthes num momento discorre:

" ... o autor nunca produz mais do que presunções de sentido, formas, por assim dizer e é o mundo que as preenche. Todos os textos dados são como uma cadeia de sentido, mas essa cadeia é flutuante. Quem poderia fixá-la, dar-lhe um significado seguro? O tempo, talvez: reunir textos antigos num livro novo é querer interrogar o tempo, pedir-lhe que dê sua resposta aos fragmentos que vêm do passado; mas o tempo é duplo, tempo da escritura e tempo da memória, e essa duplicidade chama por sua vez um sentido seguinte: o próprio tempo é uma forma.(...)" (1970:16)

Barthes, neste momento, define de maneira insigne, aquilo em que Lobato na sua honestidade literária, estava preocupado, isto é, com a forma, com a fixação – embora flutuante de uma cadeia de sentidos. Assim, é através dessa

fixação que forma a literatura infantil. Suas traduções de literatura infantil eram repletas de uma preocupação com o leitor que, a seu ver, tinha o direito de conhecer através de uma obra a cultura de um povo. Ele não se cansava em dizer que povo que não tinha tradutores, tornava-se fechado, pobre, indigente. Talvez por este motivo que Lobato ao traduzir “Pollyanna” e “Alice no País das Maravilhas” aproxima tanto de Emília as personagens principais, no intuito de levar ao público infantil brasileiro um mundo de que dantes não tinha conhecimento. Para demonstrarmos estes momentos do tradutor Monteiro Lobato, selecionamos alguns trechos das obras aqui analisadas, em que visivelmente ele privilegia a tradução, de maneira a estar muito mais preocupado com a linguagem, como Barthes mesmo definiu, como sendo um sistema formal que pode ser falado por uma outra linguagem, que propriamente com o sentido das palavras que deveriam ser seguidas pela tradução. Iniciemos por um trecho do original de Carroll , “Alice’s Adventures in Wonderland”, seguido de sua tradução :

“...and even if my head would go through, thought poor Alice, it would be of very little use without my shoulders. Oh, how I wish I could shut up like a telescope! I think I could, if I only knew how to begin. For, you see, so many out-of-the-way things had happened lately, that Alice had begun to think that very few things indeed were really impossible.

It was all very well to say ‘Drink me’, but the wise little Alice was not going to do that in a hurry. ‘No, I’ll look first’, she said, ‘and see whether it’s marked ‘poison’ or not’; “ (1994:17)

“\_\_E mesmo que a cabeça passasse não ia adiantar muito sem os ombros. Puxa, eu queria poder ser dobrável, encolher toda, como um telescópio. E talvez até conseguisse, se eu soubesse como se começa.”

“\_\_ Primeiro eu vou olhar bem para ver se tem algum aviso de veneno ou não.” (2002: 18)

“\_\_Oh! – exclamou – que pena a gente não ser como os telescópios, que espicham à vontade! Se eu pudesse me espichar, como telescópios ou bala puxa-puxa, iria, já e já, ver aquele jardim tão lindo.”

“Muito fácil dizer beba-me”, pensou Alice, “mas não sou nenhuma tola para ir bebendo o que não sei o que é. Vou ler o que está escrito embaixo do letreiro para verificar se não é veneno.” (2002: 10)

Ao verificarmos a tradução de Lobato, notamos a sua preocupação maior em levar ao público infantil um texto agradável, de um linguajar marcado por diminutivos, expressões de época e características de Emília. Analisemos esta passagem no início da fala de Alice quando ela se lamenta por não conseguir ser flexível. Lewis Carroll diz : “...Oh, how I wish I could shut up like a telescope!” ; Ana Maria Machado traduz esta mesma frase num tom sério e lamentador, como: “Puxa, eu queria poder ser dobrável, encolher toda, como um telescópio...”; já

Lobato ao traduzir esta frase, transmite ao leitor um tom de lamentação, imbuído de esperança em conseguir atravessar a passagem que gostaria de entrar. Notemos a forma como Lobato traduz : “... Oh! – exclamou – que pena a gente não ser como os telescópios, que espicham à vontade! Se eu pudesse me espichar, como telescópios ou bala puxa-puxa, iria, já e já, ver aquele jardim tão lindo.” ; Observemos o tom de queixa de Alice, seguido de um ar confiante que iria conseguir atravessar. Vejamos que o tradutor Lobato utiliza, inclusive termos para tornar o texto mais próximo ao leitor como por exemplo, *espichar*, *bala puxa-puxa*, *já e já* , algo que revela o seu compromisso com a linguagem que deve ser entendida a todo o custo pelo povo.

Ainda percebemos a preocupação de Monteiro Lobato em ser o escritor infantil que levasse às crianças as histórias de maneira que ele pudesse propiciar a elas um convite a mergulhar na obra e viver aquilo que a(s) personagem(ns) estava(m) vivendo. O pensamento de Monteiro Lobato em relação a sua literatura e conseqüentemente o seu posicionamento frente aos textos versados a nossa língua por ele traziam a preocupação com o fazer-se entender de maneira simples e clara. Roland Barthes apresenta-nos uma definição sobre literatura a qual se assemelha com aquilo em que Lobato crê. Seu pensamento pode aqui ser confrontado com a definição de literatura apresentada por Roland Barthes quando, ao assumir a cátedra de Semiologia Literária do Colégio de França, profere sua aula inaugural:

“A literatura assume muitos saberes. Num romance com Robinson Crusoé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial),

técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso do socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que a provisãoou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens.(...)” (1989:pp.18-19)

Ao analisarmos esta referência, perceberemos que Lobato acreditava naquilo que de fato a literatura tem a nos oferecer. Sua preocupação em traduzir o

acessível, o significativo e importante ao leitor transcendia sua questão com o simples versar de uma língua para a outra. Sua obrigação era transpor uma linguagem que fosse “descompromissada” com a língua no momento em que traduzia, por isso, mesmo quando fazia a revisão de textos já traduzidos por outrem, importava sempre com a forma como o texto chegaria ao leitor. Percebemos que sua tradução trazia a mágica que poucos conseguiriam transmitir. Traduzia de maneira a escolher e a selecionar sempre o melhor termo para dizer o que o original oferecia, por isso, apoiava em uma opção lexical que muitas vezes, acabava por alterar caracteres de personagens etc. Vejamos um outro exemplo que denuncia esta preocupação de Lobato frente à tradução em que ele versa a nossa língua um trecho do original de Pollyanna de Eleanor H. Porter :

“I don’t see, really, what there was impertinent about that, she sighed. I was only asking her if she couldn’t tell me something to be glad about in all that duty business.

“There just isn’t anything to be glad about, that I can see, she said aloud; unless – it’s to be glad when the duty’s done! Whereupon she laughed suddenly.” (1994: 41)

“\_\_ Não vejo onde está a impertinência – soluçou Poliana, jogando-se numa cadeira. Só perguntei se havia um jeito de fazer com que ela jogasse o jogo do contente... para alegrar um pouco esses deveres.”

“\_\_Não vejo alegria nisso – falou em voz alta. – Bem, talvez a alegria apareça depois de cumprirmos o tal dever – e a idéia lhe serviu de consolo.” (2002: 35)

“\_\_Não vejo que tenha sido impertinente em coisa nenhuma, soluçou ela. Apenas lhe perguntei se havia um jeito de jogar o jogo do contente nesse negócio de deveres.”

“\_\_Não acho nada alegre em tudo isto, murmurou em voz alta – a não ser que a gente fique alegre quando cumpre o tal dever – essa idéia lhe foi um consolo.” (2001:41)

Ao verificarmos a tradução de Lobato, neste excerto, percebemos a sua preocupação, mais uma vez, em levar ao leitor aquilo de mais acessível e agradável. Enquanto Paulo Silveira traduz as falas de Pollyanna seguindo uma postura norte-americana de sobriedade e respeito, Lobato já é mais incisivo e sua escolha de termos revela esse procedimento. Analisemos a passagem em que Eleanor H. Potter escreve : “...“I don’t see, really, what there was impertinent about that, she sighed(...)” ; Lobato opta por uma tradução em que os termos denunciam a impaciência de Pollyanna, pois utiliza duas negações para afirmar que não via impertinência na colocação feita à tia Polly , “...Não vejo que tenha sido impertinente em coisa nenhuma(...)” . Ao empregar a dupla negação, embora saibamos que a frase é afirmativa, Lobato passa ao leitor a arbitrariedade de Pollyanna em não concordar com a fala da tia. Assim mais uma vez, ele forma um ambiente avesso ao original que traz a personagem mais sóbria e séria, porque

mesmo sabendo que a tia não tinha razão, não é capaz de enfrentá-la. Paulo Silveira tenta atribuir esse tom mais responsável, “seco” a Pollyanna. Tanto que ele traduz a mesma passagem da seguinte forma : “Não vejo onde está a impertinência(...)” ; Observamos o tom de severidade de Pollyanna de Silveira diferente a de Lobato.

Ao considerarmos as colocações de Roland Barthes e as traduções de Monteiro Lobato, concluímos que este último ao traduzir, apoiou-se nas concepções que tinha sobre o ato de escrever. Percebemos que para ele, a escrita era algo que tinha de se tornar apaixonante, independentemente da maneira pela qual fosse passada. Para Lobato a linguagem era destituída de uma vontade própria em seguir normas ou regras. Ela deveria se fazer da melhor maneira possível sem a preocupação com uma fidelidade que poderia se tornar infidelidade, mas que, no momento exato, e isto é o que importa, mantinha-se fiel ao leitor.

## CAPÍTULO IV

### APENAS O INÍCIO DA CAUDA NO PAÍS DO FAZ-DE-CONTA

“Nada de imitar seja lá quem for. (...) Temos de ser nós mesmos(...). Ser Núcleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir.”

(Monteiro Lobato)

Estranho começar as considerações finais com este excerto de uma carta enviada por Monteiro Lobato a Godofredo Rangel em 15/11/1904, não ? A nós, parece-nos bem peculiar e sugestivo. Partimos de uma proposta muito difícil e árdua. Analisar, comentar e acima de tudo supor que personagens como Alice de Lewis Carroll e Pollyanna de Eleanor H. Porter na realidade, não são as mesmas do original, quando da tradução de Lobato, no mínimo, é de se surpreender. Por isso, iniciamos a nossa exposição do capítulo final com este trecho, ou seja, Monteiro Lobato nunca foi cauda, sempre tentou ser o núcleo de cometa, nunca concordou com a hipótese de ficar refém de situações, de pessoas ou de quaisquer fatos que pudessem questionar a sua integridade enquanto homem. Assim, foi Lobato em sua vida, particular, social ou academicamente e, tanto isto é verdade que lhe custou a falência financeira por três vezes na vida, dissabores com políticos do governo e até o mais grave, a prisão em 1941, um dos momentos mais difíceis para ele. Este era Monteiro Lobato que ao se propor a fazer algo, dedicava-se de forma inquestionável, de forma exímia com a preocupação e com o apreço que lhe eram peculiares. Talvez até por isso, enxergamos em suas

traduções um comprometimento único com a linguagem e não com a língua ou com o texto a ser traduzido. Tanto em “Alice no País das Maravilhas” de Lewis Carroll, quanto em “Pollyanna” de Eleanor H. Porter, notamos uma tradução que se baseava no original, mas que se fazia pela melhor escolha de termos, pela dissuasão que aquela opção levaria ao seu público o conhecimento da história de maneira ímpar. Lobato costumava dizer que a propriedade exata da palavra significava muito, tanto que em uma carta enviada a Rangel, datada de 30/08/1909, quando residia em Areias e que está n’ “A Barca de Gleyre”, Tomo I, deixara isto claro e assim escreveu que o que mais apreciava num estilo era a propriedade exata de cada palavra. (cf.p.171)

Por esse motivo, acreditamos na tese de que tanto a Alice quanto a Pollyanna lobatianas trazem em suas falas e atitudes características de Emilia , comprometendo assim, as performances das personagens do original em função de uma tradução que se compromissava com o público alvo que Lobato visualizava. Empregos de interjeições, de sufixos, termos de época e de jargões demonstravam a necessidade de Lobato em tornar a versão mais acessível, mais clara, mais fácil de se ler. Momentos de Alice e Pollyanna lobatianas revelam esta preocupação, tais como nas traduções dele de “Alice no País das Maravilhas” ou de “Pollyanna” :

“\_\_Arre! Como estou asneirenta hoje!

Que vergonha!” (2002: 13)

“\_\_Cléo? Serei a Cléo? Não. Não pode ser. A Cléo tem cabelos crespos e os meus são lisos. Também não posso ser a Zuleica, porque Zuleica é muito burrinha eu não sinto tal. Mas serei eu mesma, a Alice de ontem? Que confusão terrível! Vamos tirar a prova. Vamos ver se sei as coisas que sabia ontem. Quatro vezes cinco, doze. Quatro vezes seis, treze. Não, não! Com tabuada a coisa não vai. Experimentemos a geografia. São Paulo, capital Turquia. Londres, capital Venezuela. Está certo ou errado? Está errado. Logo, eu fui trocada pela burrinha da Zuleica...” (2002:14)

Também verificamos isto, em momentos de sua tradução de Pollyanna de Eleanor H. Porter que mais vez, Lobato apresenta a tradução com o viés de Emília:

“A senhora não sabe que contenteza a minha em ter a senhora e Nancy e tudo isto por aqui, depois do que tenho passado!” (2001: 19)

“\_\_Não vejo que tenha sido impertinente em coisa nenhuma, soluçou ela. Apenas lhe perguntei se havia um jeito de jogar o jogo do contente nesse negócio de deveres.” (2001: 41)

Os trechos selecionados servem para demonstrar a preocupação de Lobato por uma tradução em que o sentido das palavras dizia e representava a melhor

forma para ele de se traduzir. Interjeições como *arre* empregado por Alice lobatiana ou o termo *asneirenta* em vez de boba que original traz, marcas que denunciam a questão da linguagem assim como a presença de Emília nas traduções. Em se baseando em Pollyanna, também flagramos uma escolha que marca novamente a linguagem e conseqüentemente falas da boneca, como *contenteza* ou *não vejo impertinência em coisa nenhuma* etc., características notadas em Emília. Assim, a priori, tentamos justificar a noção que Lobato detinha com a tradução que, na verdade, para ele, resumia-se na transposição de uma linguagem avessa às normas e regras fechadas as quais policiassem a tradução. Por este motivo, que nos ativemos em aproximar Lobato e Barthes, não de maneira a solucionar ou esgotar as discussões acerca da visão que Monteiro Lobato tinha de tradução, mas sim para tentar dirimir críticas que porventura aparecem em suas traduções. Pensamos que Lobato assim como Barthes viam na literatura uma relação estreita com a linguagem, apesar desta última ter uma definição ampla. Vemos que a partir do momento em que Monteiro Lobato versava uma história a nossa língua, estava fazendo literatura. Para ele, esta versão não passava de uma produção literária em que ele não apenas se sentia o tradutor mas sim, o escritor, embora fizesse questão de assinar como tradutor. O problema se instala quando Lobato não faz esta distinção, para ele não existia a necessidade de estabelecer a diferença entre tradutor – escritor – tradução – linguagem, o que em certa medida, justificaria a escolha de termos nas falas de Emília. Poderíamos até nos apoiar em uma colocação pertinente feita por Roland Barthes no livro “O Grau Zero da Escritura”, que talvez ajude explicar o que estamos tentando visualizar daquilo que Monteiro Lobato fazia :

“...a literatura permanece surda à nossa História presente, e o mito literário não é ultrapassado; ou o escritor reconhece o vasto frescor do mundo presente, mas para prestar conta dele só dispõe de uma linguagem esplêndida e morta; diante de sua página em branco, no momento de escolher as palavras que devem francamente assinalar o seu lugar na História e testemunhar que ele assume os seus dados, observa uma disparidade trágica entre o que faz e o que vê; sob os seus olhos, o mundo civil forma agora uma verdadeira Natureza, e essa Natureza fala, elabora linguagens vivas de que o escritor está excluído: ao contrário, entre os seus dedos, a História coloca um instrumento decorativo e comprometedor, uma escrita que ele herdou de uma História anterior e diferente, pela qual não é responsável, e que é entretanto a única de que possa se servir. (...)”  
(2000:pp.7-8)

Por esta colocação de Roland Barthes, notamos grande semelhança e uma possível justificativa para dizermos que a Alice lobatiana assim como a Pollyanna são na verdade, personagens que se assemelham e muito com a boneca Emília, já que as três provêm do mesmo “instrumento decorativo e comprometedor”, da mesma escrita. Devido a isto, também arrolamos a tese de que com as escolhas dos termos realizadas por Lobato, descaracterizavam as do original, pois não se enxergava na tradução de Monteiro Lobato, a Alice de Carroll com todo o seu jeito britânico de ser, pontual e ao mesmo tempo educada nem tampouco a Pollyanna

de Eleanor H. Porter, a norte-americana que tem princípios rígidos de educação e respeito ponderados. Pelo contrário, achamos na tradução, uma Alice respondona e mandona e uma Pollyanna arguta e desafiadora, caracteres estes que não se notam nos originais.

Talvez aqui, estejamos chegando ao fim de um percurso ainda grande o qual deve ser seguido por nós ou por outrem. Na verdade, fizemos a tentativa de investigar duas das várias obras traduzidas por Monteiro Lobato em que nós notamos problemas de tradução que deveriam ser, pelo menos, estudados. Por isso, não temos a intenção de esgotarmos aqui a pesquisa que se faz necessária, até por que enxergamos a importância de se estabelecer novos parâmetros para o estudo da tradução e para entendermos a visão que Lobato tinha dela. Assim, esta história arrolada por ele de nunca sermos cauda, mas sim núcleo de cometa faz-se verdade, por desejarmos detectar os meandros que envolviam o pensamento de Monteiro Lobato frente às traduções.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ARROJO, R. Oficina de Tradução – A teoria na Prática. Ática. São Paulo – S.P., 1999. 4a.ed.
- BARTHES, R. Aula. ( tradução e posfácio de Leyla Perrone Moisés ). Cultrix. São Paulo – S.P.,1989. 2a.ed.
- \_\_\_\_\_ O Grau Zero da Escrita. ( tradução de Mário Laranjeira ) . Martins Fontes. São Paulo – S.P., 2000, 1a. ed.
- \_\_\_\_\_ Crítica e Verdade. ( tradução de G.C. de Souza ) . Perspectiva. São Paulo – S.P., 1970. 4a.ed.
- BARBOSA, H. G. Procedimentos Técnicos da Tradução – Uma nova Proposta. Pontes. Campinas – S.P., 1990, 1a. ed.
- CARROLL, L. Alice's Adventures in Wonderland. Penguin Popular Classics. New York – New York, 1994, 22a. ed.
- \_\_\_\_\_ Alice no País das Maravilhas. ( tradução e adaptação de Monteiro Lobato ) . Editora Brasiliense. São Paulo – S.P., 1958, 8 a. ed.
- \_\_\_\_\_ Alice no País das Maravilhas. ( tradução e adaptação de Monteiro Lobato ). Companhia Editora Nacional. São Paulo – S.P., 2002, 1a. ed.
- \_\_\_\_\_ Alice no País das Maravilhas. ( tradução de Ana Maria Machado). Ática. São Paulo – S. P. , 2002, 3 a. ed.
- CATFORD, J. C. Uma Teoria Lingüística da Tradução. ( tradução do Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Revisão de Maria da Gloria Novak ) Cultrix. São Paulo – S.P. 1 a. ed.

CAVALHEIRO, E. Monteiro Lobato – Vida e Obra. Tomo I e II. Editora Brasiliense.

São Paulo – S.P. , 1962, 3 a. ed.

\_\_\_\_\_ Monteiro Lobato Tradutor. In, Estado de São Paulo. 3 °. Caderno –  
Literatura e Arte, datada de 24/04/1950.

CONTE, A. Monteiro Lobato – Vida e Obra. Editora Brasiliense Limitada. São  
Paulo – S.P., pp. 234- 236. 1948, 1 a. ed.

DANTAS, P. Vozes do Tempo de Lobato, organizado por Paulo Dantas. Traço  
Editora. São Paulo – S.P., 1982, 1a. ed.

GOUVÊA, M. C. S. de. Lendo e Escrevendo Lobato, organizado por Maria Cristina  
Soares de Gouvêa e Elaine Marta Teixeira Lopes. Autêntica. Belo  
Horizonte – M.G., 1999, 1a. ed.

LAJOLO, M. Um Brasileiro sob Medida. Moderna. São Paulo – S.P. , 2000, 1a. ed.

LOBATO, M. A Barca de Gleyre – Quarenta Anos de Correspondência entre  
Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. Tomo I e II. Companhia Editora  
Nacional. São Paulo – S.P. , 1944.

\_\_\_\_\_ Aritmética da Emília. Companhia Editora Nacional. São Paulo –  
S.P., 1944, 4 a. ed.

\_\_\_\_\_ Cartas Escolhidas. 2 ° . Volume. Editora Brasiliense Ltda. São Paulo  
– S.P. pp. 74, 78, 90, 120, 128. 1969, 5 a. ed.

\_\_\_\_\_ Emília no País da Gramática. Editora Brasiliense Ltda. São Paulo –  
S.P. 1954, 9 a. ed.

\_\_\_\_\_ Emília no País da Gramática. Editora Brasiliense Ltda. São Paulo –  
S.P. 1994, 39 a. ed.

- \_\_\_\_\_ Memórias da Emília. Editora Brasiliense Ltda. São Paulo – S.P.,  
1954, 8 a. ed.
- \_\_\_\_\_ Prefácios e Entrevistas. Editora Brasiliense Ltda. São Paulo – S.P.,  
pp. 37-40 e 63-64. 1948, 14a. ed.
- MILTON, J. Monteiro Lobato and Translation : “Um País se Faz com Homens e Livros”. Revista de Documentação de Estudos em Linguística Aplicada Teórica e Aplicada DELTA. Vol. 19. pp.117 – 132. 2003.
- MOUNIN, G. Os Problemas Teóricos da Tradução. ( tradução de Heloysa Lima Dantas ). Cultrix. São Paulo – S.P., 1975, 1a. ed.
- NUNES, C. Monteiro Lobato – O editor do Brasil. Contraponto Editora. Rio de Janeiro – R. J., 2000, 1a. ed.
- PAGANO, A. Traduzir com Autonomia – Estratégias para o tradutor em formação, organizado por Adriana Pagano, Célia Magalhães e Fábio Alves. São Paulo – S.P., 2000, 1a. ed.
- PORTER, E. H. Pollyanna. Wordsworth Classics. 1994, 12 a. ed.
- \_\_\_\_\_ Pollyanna. ( tradução de Paulo Silveira ). Ediouro. São Paulo – S.P.,  
2002, 2 a. ed.
- \_\_\_\_\_ Pollyanna. ( tradução de Monteiro Lobato ) Companhia Editora Nacional. São Paulo – S.P. , 2001, 36 a. ed.
- RODRIGUES, C. C. Tradução e Diferença. Editora Unesp. São Paulo – S.P. ,  
2000, 1 a. ed.
- Westphalen, F. Os tradutores de Alice e seus propósitos, organizado por Flávia Westphalen, Nicole Boff, Camila Gregoski e Pedro Garcez. Cadernos de

Tradução número VIII, Núcleo de Tradução – NUT. UFSC. pp. 121-144.  
2001-02.

## ANEXO I

### OBRAS TRADUZIDAS POR MONTEIRO LOBATO

Adams, Truslow James. "A Epopéia Americana". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d., 399 págs.

Andersen, Hans C. – Contos de Andersen. 2ª. edição : São Paulo: Cia Editora Nacional, 1934, 109 págs.

\_\_\_\_\_ - Novos Contos de Andersen. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1932. 119 págs.

Anônimo . Robin Hood : adaptação da velha lenda inglesa. 2ª. ed. São Paulo: editora Brasiliense, 1959.

Anônimo. Robin Hood: adaptação da velha lenda inglesa. 4ª. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1958.

Asch, Scholen. "O Nazareno". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d., 616 págs.

Barrington, E. Cleópatra. "Coleção Para Todos". São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1935, 270 págs.

Bradley, H. Dennis. "Rumo às Estrelas". "Biblioteca de Estudos Psíquicos". São Paulo: Sociedade Metafísica de São Paulo, 1939, 338 págs.

Burlingame, Roger. "As Máquinas da Democracia: As invenções e suas Influências Sociais nos Estados Unidos. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1940, 494 págs".

Burnett, W. R. "O Pequeno César (Os Gangsters de Chicago). "Série Negra" , v.13. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1935, 259 págs.

Burroughs, Edgard Rice. "Tarzan no Centro da Terra". "Coleção Terramarear". São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1936, 200 págs.

\_\_\_\_\_ . "Tarzan, o Terrível". São Paulo: Codil: Companhia Distribuidora de Livros, 1959, 200 págs.

Carroll, Lewis. "Alice no País das Maravilhas". 3<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1936, 125 págs.

\_\_\_\_\_ . "Alice no País das Maravilhas". 4<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Cia editora Nacional, 1938, 125 págs.

\_\_\_\_\_ . "Alice no País das Maravilhas". 6<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1944, 125 págs.

\_\_\_\_\_ . "Alice na Casa dos Espelhos". São Paulo: Editora Brasiliense, 1936, 125 págs.

Collodi, C. "Pinocchio". 7a. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1955, 201 págs.

Curie, Eva. "Madame Curie". "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d. , 356 págs.

Deeping, Warwick. "Lágrimas de Homem". "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo. Cia Editora Nacional, 1942, 324 págs.

Defoe, Daniel. "Robinson Crusoe". Adaptação para as crianças. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1943, 124 págs.

\_\_\_\_\_ . "Robinson Crusoe". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d., 124 págs.

\_\_\_\_\_ . "Robinson Crusoe". 6<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1945, 124 págs.

- \_\_\_\_\_ . "Robinson Crusoe". São Paulo: Editora Brasiliense, 1960, 124 págs.
- Doyle, Arthur Conan. "O Doutor Negro". "Série Negra". v. 1. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934, 255 págs.
- Du Maurier, Daphne. "Rebecca, A Mulher Inesquecível" . Tradução de Lúcia Junqueira Smith e Monteiro Lobato. "Biblioteca Espírito Moderno". São Paulo: Cia Editora Nacional. 1940.
- Dumas, Alexandre. "A não do finado: continuação d' O Conde de Monte-Cristo. Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, 1925.
- Durant, Will. "Filosofia da Vida". "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia. Editora Nacional, s.d., 575 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Filosofia da Vida". 11<sup>a</sup>. ed, "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1959 , 575 págs.
- \_\_\_\_\_ . "História da Civilização: Segunda Parte: Nossa Herança Clássica; A vida na Grécia. Tomo I ; Tradução de Gulnara de Moraes Lobato, revisada por Monteiro Lobato. "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1943, 514 págs.
- \_\_\_\_\_ . "História da Civilização: Segunda Parte: Nossa Herança Clássica; A vida na Grécia. Tomo II ; Tradução de Gulnara de Moraes Lobato, revisada por Monteiro Lobato. "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1957, 513 págs.
- \_\_\_\_\_ . "História da Civilização: Terceira Parte: César e Cristo. Tomo I. "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia. Editora Nacional. s. d. 447 págs.

- \_\_\_\_\_ . "História da Civilização: Terceira Parte: César e Cristo. Tomo II. "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia. Editora Nacional. s. d. 387 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Os Grandes Pensadores". São Paulo: Cia. Editora Nacional. s. d. 288 págs.
- \_\_\_\_\_ . "História da Filosofia". São Paulo: Cia. Editora Nacional. s. d. 499 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Robin Hood". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d., 180 págs.
- Einstein, Albert. e Infield, Leopold. "A Evolução da Física". São Paulo: Cia Editora Nacional. s.d. , 344 págs.
- Erenbourg, Ilya. "A Queda de Paris". São Paulo: Cia Editora Nacional. s.d., 540 págs.
- Exupéry, Saint. "Piloto de Guerra". São Paulo: Cia Editora Nacional. s.d. 177 págs.
- Ford, Henry. "Minha Vida e Minha Obra". São Paulo : Cia Editora Nacional. 1924. 259 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Hoje e Amanhã". São Paulo: Cia Editora Nacional. 1924. 339 págs.
- Gamow, George. "Nascimento e Morte do Sol". São Paulo: Editora Globo. s.d. 241 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Biografia da Terra". São Paulo: Cia Editora Globo. s.d. 220 págs.
- Grimm, Irmãos."Contos de Grimm". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d. 112 págs.

- \_\_\_\_\_ . "Contos de Grimm". 5ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1940.  
112 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Contos de Grimm". 12ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional,  
1969. 112 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Contos de Grimm". 13ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional,  
1973. 112 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Novos Contos de Grimm". 2ª ed. São Paulo: Cia Editora  
Nacional, 1938. 120 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Novos Contos de Grimm". 3ª ed. São Paulo: Cia Editora  
Nacional, 1944. 120 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Novos Contos de Grimm". 5ª ed. São Paulo: Cia Editora  
Nacional, 1958. 120 págs.
- Hemingway, Ernest. "Adeus às Armas". Biblioteca do Espírito Moderno". São  
Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. 247 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Por quem os Sinos Dobram". "Biblioteca do Espírito  
Moderno". São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. 417 págs.
- Hugo, Victor. "Os Homens do Mar." São Paulo: Cia Gráfico-Editora Monteiro  
Lobato, 1925.
- Lery, Jean de. "História de Uma Viagem feita à Terra do Brasil". São Paulo: Cia  
Editora Nacional, s.d., 249 págs.
- Kipling, Rudyard. "Kim". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d. 309 págs.
- \_\_\_\_\_ . "O Livro da Jangal". Versão dos Poemas de Jamil Almansur  
Haddad. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1941. 399 págs.

- \_\_\_\_\_ . "Mowgli, O Menino-Lobo". "Coleção Terramarear" São Paulo:  
Cia Editora Nacional, s.d. 207 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Mowgli, O Menino-Lobo". "Coleção Terramarear" São Paulo:  
Cia Editora Nacional, 1933. 207 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Jacala, O Crocodilo". "Coleção Terramarear" São Paulo: Cia  
Editora Nacional, 1933. 189 págs.
- Lodge, Oliver. "Raymond". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d. 230 págs.
- London, Jack. "Caninos Brancos". "Coleção Terramarear". São Paulo: Cia Editora  
Nacional, 1933. 227 págs.
- \_\_\_\_\_ . "A Filha da Neve". "Coleção Para Todos". São Paulo: Cia  
Editora Nacional, 1947. 278 págs.
- \_\_\_\_\_ . "O Grito da Selva". "Coleção Para Todos". São Paulo: Cia  
Editora Nacional, 1935. 218 págs.
- \_\_\_\_\_ . "O Lobo do Mar". "Coleção Para Todos". São Paulo: Cia Editora  
Nacional, 1934. 305 págs.
- Maeterlinck, Maurício. "A Sabedoria e o Destino". São Paulo: Editora O  
Pensamento, s.d. 224 págs.
- Mancy, John. "História da Literatura Mundial". São Paulo: Cia Editora Nacional,  
s.d., 433 págs.
- Maurois, André. "Memórias". "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia  
Editora Nacional, 1943. 343 págs.
- Melville, Herman. "Moby Dick". Tradução de Adalberto Rochsteiner e Monteiro  
Lobato. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1957. 211 págs.
- Nietzsche, Friedrich. "O Crepúsculo dos Ídolos". 1905. (manuscrito)

- \_\_\_\_\_ . "O Anticristo". 1905. (manuscrito)
- Perrault, Charles. "Contos de Fadas". 3ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1939. 115 págs.
- Porter, Eleanor H. "Pollyanna". "A Nova Biblioteca da Moças". São Paulo: Cia Editora Nacional, 1942. 254 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Pollyanna Moça". "A Nova Biblioteca da Moças". São Paulo: Cia Editora Nacional, 1942. 255 págs.
- Reid, Mayne. "Os naufragos de Borneo". "Coleção Terramarear" . Tradução revista por Monteiro Lobato. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1933.
- Reid, Mayne. "Os Negreiros da Jamaica". "Coleção Terramarear" . São Paulo: Cia Editora Nacional, 1933. 171 págs.
- Robinson, J.H. "A Formação da Mentalidade". "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia Editora Nacional, 1945. 175 págs.
- Russel, Bertrand. "Educação e Vida Perfeita". São Paulo: Cia Editora Nacional, 1945. 266 págs.
- Sewel, Ana. "Diamante Negro". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d.. 175 págs.
- Silverman, Milton. "Mágicas em Garrafas". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d. 280 págs.
- Spring, Howard. "Meu Filho, Meu Filho!" Tradução de Lígia Junqueira Smith e Monteiro Lobato. "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia Editora Nacional, 1940. 399 págs.
- Staden, Hans. "Meu Captiveiro entre os Índios do Brasil". 3ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1927, 160 págs.

- Stephenson, Nathaniel Wright. "Lincoln". "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia Editora Nacional, 1945, 349 págs.
- Steinbeck, John. "Noite sem Lua". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d., 155 págs.
- Swift. "Viagens de Gulliver ao País dos Homenzinhos de Um Palmo". Adaptação. Cia Editora Nacional. s.d. 56 págs.
- Trail, Armitrage. "Scarface, o Tzar dos Gansters". "Série Negra", v. 1. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1935, 248 págs.
- Twain, Mark. "Aventuras de Huck". "Coleção Terramarear". São Paulo: Editora Brasiliense, 1934, 260 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Aventuras de Tom Sayer". "Coleção Terramarear". São Paulo: Editora Brasiliense, 1934, 228 págs.
- Van Loon, Hendrik Willem. "A História da Bíblia". "Biblioteca Espírito Moderno". São Paulo: Cia Editora Nacional, 1940, 405 págs.
- Van Paassen, Pierre. "Somente Neste Dia". "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia Editora Nacional, 1942, 349 págs.
- Van Dine, S.S. "O Crime do Casino". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d., 236 págs.
- \_\_\_\_\_ . "O Caso Garden". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d., 245 págs.
- Webster, Jean. "Patty". "A Nova Biblioteca das Moças". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d., 243 págs.
- \_\_\_\_\_ . "O Querido Inimigo". "A Nova Biblioteca das Moças". São Paulo: Cia Editora Nacional, 1934, 249 págs.

Wells, H.G. "A Construção do Mundo: O Trabalho , a Riqueza e a Felicidade do Mundo" . v.1. "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia Editora Nacional, 349 págs.

\_\_\_\_\_ . "O Destino da Espécie Humana". "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia Editora Nacional, 1945, 235 págs.

\_\_\_\_\_ . "História do Futuro". "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d. 361 págs.

\_\_\_\_\_ . "A Ilha das Almas Selvagens". "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d. 204 págs.

\_\_\_\_\_ . "O Homem Invisível". "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d. 250 págs.

Wilder, Thornton. "A Ponte de São Luiz Rei". "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia Editora Nacional, 1946, 201 págs.

Willkie, Wendell. "Um Mundo Só". "Coleção Guerra e Paz". São Paulo: Cia Editora Nacional, 1943, 247 págs.

Wren, P.C. "Beau Geste". São Paulo: Cia Editora Nacional, s.d., 233 págs.

Yutang, Lin. "Uma Folha na Tempestade". Tradução de Ruth Lobato e Monteiro Lobato. "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia Editora Nacional, 1949, 697 págs.

\_\_\_\_\_ . "Momento em Pequim: Romance da Vida Chinesa de Hoje". "Biblioteca do Espírito Moderno". São Paulo: Cia Editora Nacional, 1942.

## ANEXO II

### OBRAS ESCRITAS POR MONTEIRO LOBATO

Lobato, Monteiro. "A Onda Verde". São Paulo : Monteiro Lobato e Cia. , 1921, 252 págs.

\_\_\_\_\_ . "A Caçada da Onça". São Paulo : Cia. Gráfico Editora Monteiro Lobato, 1924, 35 págs.

\_\_\_\_\_ . "A Cara de Coruja". São Paulo : Cia. Gráfico Editora Nacional, 1927, 32 págs.

\_\_\_\_\_ . "As Caçadas de Pedrinho". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1933, 146 págs.

\_\_\_\_\_ . "A Chave do Tamanho". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1942, 161 págs.

\_\_\_\_\_ . "As Aves do Lago de Estinfale". São Paulo : Editora Brasiliense, 1944, 73 págs.

\_\_\_\_\_ . "As Cavalariças de Augias". São Paulo : Editora Brasiliense, 1944, 73 págs.

\_\_\_\_\_ . "A Corça de Pés de Bronze". São Paulo : Editora Brasiliense, 1944, 74 págs.

\_\_\_\_\_ . "A Barca de Gleyre" (40 anos de correspondência literária) . São Paulo : 1944, 504 págs.

\_\_\_\_\_ . "A Reforma da Natureza e o Espanto das Gentes". São Paulo : Editora Brasiliense, 1944, 116 págs.

- \_\_\_\_\_ . "A Lampreia". Codex , Buenos Aires, 1947, 16 págs.
- \_\_\_\_\_ . "A Casa da Emília". Codex, Buenos Aires, 1947, 16 págs.
- \_\_\_\_\_ . "A Contagem dos Sacis". Codex, Buenos Aires, 1947, 16 págs.
- \_\_\_\_\_ . "A Criança é a Humanidade de Amanhã". Salvador : 1950, 13 págs.
- \_\_\_\_\_ . "A Pena do Papagaio". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1930, 24 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Aventuras de Hans Staden". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1927, 148 págs.
- \_\_\_\_\_ . "A Menina do Nariz Arrebitado". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1927, 46 págs.
- \_\_\_\_\_ . "As Reinações de Narizinho". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1931, 306 págs.
- \_\_\_\_\_ . "América" . São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1934, 280 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Aritmética da Emília". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1935, 164 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Aventuras do Príncipe". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1927, 32 págs.
- \_\_\_\_\_ . "A Hidra de Lerna". São Paulo : Editora Brasiliense, 1944, 75 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Cidades Mortas". São Paulo : Edição da Revista do Brasil, 1920, 231 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Contos Escolhidos". São Paulo : Cia. Gráfico Editora Monteiro Lobato, 1923, 35 págs.

- \_\_\_\_\_. "Contos Leves" (Cidades Mortas e outros) . São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1935, 257 págs.
- \_\_\_\_\_. "Contos Pesados" (Urupês, Negrinha e O Macaco que se fez Homem) . São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1935, 358 págs.
- \_\_\_\_\_ . "Conto Industrial". São Paulo : Edição do Instituto Medicamentos, 1949, 22 págs.
- \_\_\_\_\_. "D. Quixote das Crianças". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1936, 238 págs.
- \_\_\_\_\_. "De quem é o Petróleo da Bahia?". Campinas : Tipografia Paulino, 1948, 8 págs.
- \_\_\_\_\_. "Emília no País da Gramática". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1934, 172 págs.
- \_\_\_\_\_. "Fábulas de Narizinho". São Paulo : Monteiro Lobato e Cia. , 1921, 24 págs.
- \_\_\_\_\_. "Fábulas". São Paulo : Monteiro Lobato e Cia. , 1922, 174 págs.
- \_\_\_\_\_. "Ferro – A solução do Problema Siderúrgico do Brasil pelo Processo Smith" . São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1931, 130 págs.
- \_\_\_\_\_. "Geografia de Dona Benta". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1935, 164 págs.
- \_\_\_\_\_. "How Henry Ford Is Regarded In Brazil". Rio de Janeiro : Editora Ltda. 1926, 26 págs.
- \_\_\_\_\_. "História do Mundo para Crianças". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1933, 295 págs.

- \_\_\_\_\_. "Histórias de Tia Nastácia". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1937, 186 págs.
- \_\_\_\_\_. "História das Invenções". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1940, 151 págs.
- \_\_\_\_\_. "Hércules e Cérbero". São Paulo : Editora Brasiliense, 1944, 74 págs.
- \_\_\_\_\_. "Idéias de Jeca Tatu". São Paulo : Edição da Revista do Brasil, 1919, 213 págs.
- \_\_\_\_\_. "Jeca Tatuzinho". São Paulo : Monteiro Lobato e Cia. , 1927, 27 págs.
- \_\_\_\_\_. "Memórias da Emília". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1936, 139 págs.
- \_\_\_\_\_. "Mr. Slang e o Brasil". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1927, 178 págs.
- \_\_\_\_\_. "Na Antevéspera" . São Paulo : Cia. Editora Nacional , 1933, 218 págs.
- \_\_\_\_\_. "Narizinho Arrebitado". São Paulo : Monteiro Lobato e Cia. , 1921, 181 págs.
- \_\_\_\_\_. "Negrinha". São Paulo : Edição da Revista do Brasil, 1920, 125 págs.
- \_\_\_\_\_. "Novas Reinações de Narizinho". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1932, 146 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Saci Pererê". São Paulo : Seção de Obras do Estado de São Paulo , 1918, 291 págs.

- \_\_\_\_\_. "Os Negros". São Paulo : Sociedade Editora Olegário Ribeiro,  
1921, 58 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Saci" . São Paulo : Monteiro Lobato e Cia. , 1921, 38 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Marquês de Rabicó". São Paulo : Monteiro Lobato e Cia. ,  
1922, 32 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Macaco que se fez Homem". São Paulo : Monteiro Lobato e  
Cia. , 1923 , 207 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Garimpeiro do Rio das Garças". São Paulo : Cia. Editora  
Nacional, 1924, 49 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Voto Secreto". São Paulo : Carta aberta ao Dr. Carlos de  
Campos, 1925, 18 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Choque das Raças" . São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1926,  
279 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Irmão do Pinocchio". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1927,  
31 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Gato Félix". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1927, 31 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Noivado de Narizinho". São Paulo : Cia. Editora Nacional,  
1927, 32 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Circo de Escavalinho". São Paulo : Cia. Editora Nacional,  
1927, 32 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Pó de Pirlimpimpim" . São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1930,  
24 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Escândalo do Petróleo" . São Paulo : Cia. Editora Nacional,  
1936, 313 págs.

- \_\_\_\_\_. "O Poço do Visconde". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1937,  
184 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Minotauro". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1939, 220 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Picapau Amarelo". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1939, 176  
págs.
- \_\_\_\_\_. "O Espanto das Gentes". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1941,  
54 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Touro de Creta". São Paulo : Editora Brasiliense, 1944, 75 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Leão de Meméia". São Paulo : Editora Brasiliense, 1944, 73  
págs.
- \_\_\_\_\_. "O Javali de Erimanto". São Paulo : Editora Brasiliense, 1944, 76  
págs.
- \_\_\_\_\_. "Os Cavalos de Diomedes". São Paulo : Editora Brasiliense, 1944,  
70 págs.
- \_\_\_\_\_. "Os Bois de Gerião". São Paulo : Editora Brasiliense, 1944, 71  
págs.
- \_\_\_\_\_. "O Cinto de Hipólita". São Paulo : Editora Brasiliense, 1944, 70  
págs.
- \_\_\_\_\_. "O Pomo das Hespérides". São Paulo : Editora Brasiliense, 1944,  
72 págs.
- \_\_\_\_\_. "O Presidente Negro ou O Choque das Raças". São Paulo :  
Editora Brasiliense, 1945, 198 págs.
- \_\_\_\_\_. "Obras Completas" Literatura Geral. São Paulo : Editora  
Brasiliense, 1946, 13 volumes.

- \_\_\_\_\_. "Obras Completas" Literatura Infantil. São Paulo : Editora Brasiliense, 1947, 17 volumes.
- \_\_\_\_\_. "O Centaurinho." Buenos Aires : Codex, 1947, 16 págs.
- \_\_\_\_\_. "Problema Vital". São Paulo : Editora da Revista do Brasil, 1918, 105 págs.
- \_\_\_\_\_. "Peter Pan". São Paulo : Editora Brasiliense, 1947, 96 págs.
- \_\_\_\_\_. "Prefácios e Entrevistas". São Paulo : Editora Brasiliense, 1946, 301págs.
- \_\_\_\_\_. "Serões de Dona Benta". São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1937, 161 págs.
- \_\_\_\_\_. "Uma Fada Moderna". Buenos Aires : Codex, 1947, 16 págs.
- \_\_\_\_\_. "Urupês". São Paulo : Edição da Revista do Brasil, 1918, 247 págs.
- \_\_\_\_\_. "Viagem ao Céu" . São Paulo : Editora Nacional, 1932, 115 págs.